

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC CENTRO DE  
DESPORTOS - CDS CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab.  
Licenciatura

RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO

**O PAPEL SOCIAL DO(A) PROFESSOR(A) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS ESPORTES EM UMA ESCOLA DA  
REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS - SC**

Florianópolis - SC

2022

Rafael Lemos Carcereri Mano

**O PAPEL SOCIAL DO(A) PROFESSOR(A) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS ESPORTES EM UMA ESCOLA DA  
REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física – Hab. Licenciatura, Centro de Desportos/CDS, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo do Canto Capela

Florianópolis – SC

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE DESPORTOS – CDS  
**CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Habilitação: Licenciatura**

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora abaixo, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

**O PAPEL SOCIAL DO(A) PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS ESPORTES EM UMA ESCOLA DA REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS – SC**

Elaborado por

**RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO**

Como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado[a] em Educação Física  
**Comissão Examinadora (Banca):**



Documento assinado digitalmente  
Paulo Ricardo do Canto Capela  
Data: 04/04/2022 09:22:42-0300  
CPF: 315.342.790-91  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientação – Prof. Dr. Paulo Ricardo do Canto Capela – CDS/UFSC



Documento assinado digitalmente  
Edgard Matiello Junior  
Data: 04/04/2022 14:31:46-0300  
CPF: 053.939.338-00  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Membro Titular – Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior – CDS/UFSC



Documento assinado digitalmente  
JULIO CESAR COUTO DE SOUZA  
Data: 04/04/2022 21:50:30-0300  
CPF: 472.376.510-72  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Membro Titular – Prof. Dr. Júlio César Couto de Souza – CDS/UFSC

Florianópolis, 18 de Março de 2022

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família que esteve presente em toda minha graduação dando as condições necessárias para focar nos estudos, principalmente no período de pandemia. Meus pais, Aldo e Daniela, que me apoiaram e fizeram superar todas as adversidades encontradas durante o caminho. Minha irmã, Marina, que esteve presente em todo o período de graduação e me ajudou sempre, por meio de dicas e conversas descontraídas, superar as incertezas e desconfianças causadas por essa nova fase.

Aos meus amigos da escola que mantenho contato até hoje, agradeço pelos momentos de descontração e alegria que foram muito importantes para seguir em frente a todos os problemas e dificuldades.

Aos meus amigos de faculdade que compartilhamos bastante tempo dentro e fora de sala de aula, com conselhos e boas risadas. Meu colega e amigo Edu que desde a primeira fase esteve presente como dupla nos estágios e trabalhos, e até o final me fez ver o lado divertido das coisas em momentos difíceis. Em geral com a frase: “No final sempre dá tudo certo” depois de quase dar tudo errado. Agradeço também a Atlética de Educação Física, local que fiz parte durante toda minha graduação e conheci pessoas incríveis, as quais me trouxeram experiências únicas no curso e fizeram meu tempo na universidade ser o melhor possível.

Agradeço ao meu orientador, Paulo Capela, que apesar de todas minhas confusões, dúvidas e problemas ajudou durante todo o processo da pesquisa a me encontrar e refletir muito mais do que o esperado. Com certeza este trabalho não carregaria a importância que tem para mim e minha graduação sem nossas conversas. Agradeço também a escola e o professor participante da pesquisa por todo auxílio e colaboração com as importantes questões discutidas e posteriormente refletidas.

Por fim, agradeço ao Professor Edgard Matiello Júnior e ao Professor Júlio Cesar Couto de Souza pelas importantes contribuições com a pesquisa e por terem aceitado compor a banca.

## RESUMO

A instituição esportiva, esporte moderno, reflete a sua prática na escola como ensino formal por meio de técnicas e regras, visando relacionar, a partir da Educação Física progressista, os valores da prática esportiva com a formação de um cidadão autônomo e crítico que contribua para a sociedade. Nessa perspectiva diversos estudos discutem a inserção do esporte na escola, procurando métodos que envolvam o aluno como um ser histórico, social e político, através de novas metodologias críticas. No entanto, o(a) professor(a) exerce um papel fundamental para atingir tal propósito, expondo aos alunos uma visão da realidade que é colocada enquanto planeja e ministra suas aulas, sendo esse o foco dessa investigação. Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel social do(a) professor(a) de educação física de uma escola da rede municipal pública de Florianópolis/SC frente ao trato pedagógico e à ministração de aulas do conteúdo esportivo na escola. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo/exploratório, tendo como instrumento de coleta dos dados a entrevista semiestruturada proposta a um professor de Educação Física da escola. O critério de escolha do professor para a investigação deveu-se à relevância de sua formação e de sua importância no âmbito da rede municipal de ensino. Quanto à escolha da escola, esta deve-se ao fato de ela ser localizada em um bairro periférico de Florianópolis e ser campo de Estágio Supervisionado para a formação de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC. De acordo com os dados obtidos, o papel social do professor de Educação Física em uma escola pública pode ser compreendido em levar a cultura esportiva desmitificada, livre de valores capitalistas em função do alto rendimento e que consiga a partir disso criar uma sociedade crítica, reflexiva e que dialogue com seu meio. Em busca de melhores condições para que o aluno entenda, no seu todo, a influência desta cultura que está presente a todo momento de sua vida através das mídias e ciclo sociais. Assim, esperamos que esta pesquisa contribua com a produção de conhecimento, sobretudo com a prática docente de professores de Educação Física no conteúdo esportivo.

**Palavras chave:** Esporte; Escola; Compromisso Social do Professor; Educação Física

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE C – Entrevista Transcrita.....</b>	<b>45</b>

## **LISTA DE ANEXOS**

ANEXO A. Declaração Gerência de Formação Continuada.....	45
ANEXO B. Parecer consubstanciado do CEP.....	46

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**EF** – Educação Física

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	14
2.1- BREVES APONTAMENTOS A FIM DE CONSTRUIR UM ENTENDIMENTO HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	14
2.2- O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR/PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	18
2.3 DA CULTURA CORPORAL DOS JOGOS À CONSTITUIÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESPORTIVA MODERNA.....	20
2.4. O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA.....	21
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....	27
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	27
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	27
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	28
3.5 ASPECTOS ÉTICOS .....	28
3.6 ANÁLISE DE DADOS .....	29
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	29
4.1 A ESCOLA DA DESIGUALDADE.....	30
4.2 O ESPORTE COMO CONTEÚDO DE REFLEXÃO POLÍTICA E SOCIAL.....	32
4.3 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A COMUNIDADE ESCOLAR ...	35
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
<b>APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	42
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido</b> .....	43
<b>APÊNDICE C – Entrevista Transcrita</b> .....	46
<b>ANEXOS</b> .....	60

## 1 INTRODUÇÃO

O esporte como conteúdo na Educação Física Escolar torna-se importante em função de sua relevância social na sociedade contemporânea e presença no cotidiano do ser humano, o que justifica ser um componente do ensino da escola. O esporte é também agente de disseminação de valores que vão além de sua prática imediata porque entendidos como importantes para uma futura inserção na sociedade. O esporte possui, em sua constituição, regras, técnicas, conhecimentos e um teor político ainda pouco considerado em seu ensino.

No entanto, sua prática se prende, principalmente, a regras e técnicas, não levando em consideração as políticas sociais que envolvem as dimensões esportivas.

De acordo com Kunz (2004), o fenômeno esportivo está ligado diretamente a nossa sociedade, estando presente na vida de todos em todos os instantes, mesmo dos que não o praticam. Nessa mesma perspectiva Bracht (1997, p.75) afirma que:

“Os brasileiros ouviram, durante o ano de 1980, repetir-se nas transmissões esportivas da Rede Globo de Televisão, o seguinte slogan: “a criança que pratica esporte respeita as regras do jogo; pratique esporte”, numa clara alusão ao conteúdo “pedagógico” do esporte.”

Torri et al (2007) afirma que nas aulas/ensino os esportes são tratados de forma mais frequente como uma caricatura do esporte formal. Conseqüentemente, não buscando sua reflexão por parte dos professores.

Em uma pesquisa realizada por Sedorko e Finck (2016) com 5 professores de Educação Física (EF) da rede pública estadual de ensino no município de Ponta Grossa-PR, eles obtém os seguintes dados quanto ao ensino dos esportes na escola: 80% priorizam em suas aulas questões relacionadas à aquisição do hábito pela prática de esportes e atividades físicas e prevenção de doenças. Para os autores, o esporte deve ser adotado para além do ensino de suas regras, devendo ser discutidas e problematizadas também questões midiáticas e mercadológicas que são veiculadas e impulsionadas pelos esportes para os diversos e diferentes setores da sociedade. Outras questões importantes a serem tratadas no ensino dos esportes, segundo Daolio (2014), são assim postas:

“Além de saber ensinar as técnicas e regras necessárias para a prática do basquetebol, por exemplo, o professor precisa entender e discutir com os alunos o sentido cultural deste esporte, em qual momento histórico ele foi criado, como chegou ao Brasil, o sentido de suas regras, as dificuldades que ele gera nos alunos, as exigências para sua prática” (Daolio, 2014,p.24)

Ainda quanto ao tema da educação relacionada com o ensino dos esportes na escola, encontramos significativas elaborações quanto a elementos metodológicos, históricos, sociais e políticos, como por exemplo em Soares et al (1992) e Kunz (2004) tratando o esporte de forma que evidencie os significados dos valores que o regulamentam dentro do nosso contexto sócio histórico e que discutam sobre aspectos que devem ser criticamente questionados nos esportes: rendimento, a representação (institucional), o esporte de tempo livre e o comércio e consumo esportivo.

Os autores da Educação Física com os quais dialogamos nessa investigação entendem de diversas formas que a EF é pensada enquanto disciplina escolar para além de sua manifestação apenas enquanto atividade da escola, a fim de colaborar com o processo de desenvolvimento dos educandos/sujeitos em si e também proporcionando a eles conhecerem os dilemas da vida social moderna, ou seja, a Educação Física, se bem ordenada, deve contribuir com a construção de uma visão de mundo que transcenda as ideais e concepção de mundo da sociedade vigente (Bracht, 1997). Portanto, segundo os autores estudados, o problema do ensino da Educação Física e dos esportes da escola pode não ser somente quanto às metodologias que buscam a aptidão física e a prática do esporte propriamente dita, mas também entender e abordar os processos políticos e ideológicos que permeiam e ocorrem na instituição escolar.

Segundo as ideias de Harper et al (1987), a escola nunca é estática e sempre está em constante mudança em função das necessidades da sociedade, em especial estando hegemonicamente a serviço do capital, podendo ou não adaptar-se a esses novos contextos que lhe são impostos, cabendo a seus agentes exercerem suas opções político-pedagógicas para atender a um ou a outro projeto. O autor destaca como uma questão relevante a ser tomada pelos educadores o de denunciar e buscar superar seu caráter seletivo e elitista frente às sucessivas mudanças das escolas, sobretudo quanto à forma como o conhecimento é transmitido pelos professores aos alunos em que aqueles são os sujeitos do processo educacional, cabendo aos alunos apenas receberem esses conhecimentos dos que sabem.

Ainda quanto a essa forma de escolarização denunciada por Harper et al (1980), há a questão do uso da avaliação enquanto um instrumento de poder do professor que a usa como mero instrumento de classificação dos alunos em função de seu desempenho nas avaliações propostas, o que, segundo o autor, alimenta escalas sociais de meritocracia que não consideram as dimensões socioeconômicas e sociais das famílias e das crianças e jovens que

frequentam a escola, algo inapropriado, visto que, segundo Haper et al (1980), e também de acordo com nossa compreensão, a realidade social vivida pelos sujeitos em seu mundo determina e limita suas condições de vida e de itinerário de escolarização.

Logo, a posição do professor perante esta situação não pode ser de neutralidade, e sim a de construir uma visão crítica sobre a realidade de forma que reflita e discuta sobre ela durante suas aulas, pois “em uma sociedade de classes toda educação é classista” (FREIRE, 1979, p. 6).

Frente às questões que venho apontando, apresenta-se a necessidade de compreender o papel social do professor de EF, trazendo ao texto reflexões em diálogo com textos de Paulo Freire a fim de considerar e tratar as interpretações possíveis frente ao ensino do esporte da escola. Do mesmo modo, explorando as dinâmicas sociais do esporte que são levadas para o âmbito escolar, de maneira que seu ensino interprete as relações sociais e política de forma crítica e reflexiva junto aos estudantes.

Assim, meu desejo em realizar esse estudo advêm de duas experiências pessoais. A primeira ocorrida durante o período de minha escolarização em uma escola particular, quando tive aulas de Educação Física em que o esporte era o principal conteúdo, ensinado em sua dimensão técnica e tratado pedagogicamente de forma institucionalizada.

A outra experiência foi quando, já acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC, participo do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma ação de formação na escola pública de Florianópolis e me deparo com uma forma do ensino de Educação Física e esporte que ainda não conhecia e que me deixou muito interessado em saber mais sobre as dimensões que eram consideradas no fazer pedagógico dessa escola ao serem tematizados os conteúdos da Educação Física e dos esportes. Para além das questões científicas, minha investigação é também fruto do entrelaçamento dessas experiências que me estimularam o interesse em lançar luz para propostas mais significativas e inovadoras de ensino da Educação Física e dos esportes e também quanto aos compromissos do professor de Educação Física frente às dimensões sociais que se fazem presentes no âmbito da escola e do ensino dos esportes como, por exemplo, o ensino das regras e de suas técnicas dos esportes em aulas de educação Física considerando questões sociais e políticas que envolvem esse conteúdo.

Assim a revisão bibliográfica que faço pretendeu aprofundar minha compreensão quanto à constituição da escola enquanto instituição histórica e em constante transformação

dinâmica e a serviço de interesses externos a ela, a opção político educacional e o papel social dos educadores da escola, o ensino da Educação Física escolar e o esporte. Nessa revisão a opção política educacional do professor de Educação Física e da necessidade de haver a contextualização social e política no fazer dos professores (planejar, mediar, fazer devoluções) torna-se tema central de minha investigação ao referenciar essa questão com esse novo debate, já nem tanto, da área da Educação Física Escolar quanto ao tema do ensino dos esportes na escola.

Assim, minha investigação, de forma geral se justifica em acordo com Bracht (2010), ao considerar que mesmo as metodologias com um pensamento crítico e reflexivo sobre Educação Física (EF) sendo assumidas de forma crescente pelas redes ou sistemas estaduais e municipais de ensino, ainda apresentam incoerências em sua prática e necessitam ser melhor estudadas, sendo uma das questões importantes a ser investigada a função educacional dos esportes e o papel como educador do professor de Educação Física da escola.

Ficando, portanto, assim enunciada a questão norteadora: Qual o papel social do professor nas aulas de educação física em frente ao conteúdo esportivo? E sendo, portanto, o objetivo geral da pesquisa compreender o papel social do professor de Educação Física de uma escola da rede municipal pública de Florianópolis/SC ao ensinar o esporte.

Quanto à caracterização do estudo, a pesquisa é uma abordagem qualitativa exploratória a partir de questões semiestruturadas (Apêndice A) é realizada entrevista com um professor que ministra aulas para turmas de 6º ano a 9º ano na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a fim de obter dados quanto ao ensino dos esportes por ele realizado.

A escolha quanto ao professor entrevistado se deu em função da localização da escola em que ele trabalha ser um bairro periférico de Florianópolis, ser campo de Estágio Supervisionado para a formação de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC o que, além de qualificar o campo de investigação, facilitou o acesso do investigador ao campo da investigação.

Convém destacar que a constituição da investigação e a obtenção dos dados de campo refletem as condições, os limites e desafios inerentes à pandemia da COVID-19 que ainda exigiram muitos cuidados de todos.

Cabe ainda destacar, quanto à estrutura da investigação, que no primeiro e segundo, capítulo da revisão literária, consecutivamente, abordo os temas da instituição escolar, com enfoque nas suas origens, influências e objetivos e busco compreender o sistema de ensino

enquanto uma instituição em disputa de classe em suas ações de ensino, abordando ainda também quanto a essa questão as implicações das opções socioculturais referidas ao papel social que o professor/professor de Educação Física assume, de forma explícita ou não, enquanto um educador da/na escola e ao ensinar esportes nessa instituição.

No terceiro capítulo é feito um breve relato quanto ao processo histórico de transformação das práticas corporais populares em esporte destacando alguns momentos significativos da transformação dos jogos culturais e sua transformação em esporte moderno, passando a seguir a refletir quanto as suas implicações quanto ao seu ensino de forma irrefletida na escola e no mundo da vida das pessoas. Nesse momento também destaco formulações do campo progressista da Educação Física brasileira.

Por fim, discuto os dados obtidos da investigação no campo da pesquisa e aponto alguns dilemas temáticos a serem enfrentados quanto à transformação didática dos esportes a fim de tornar o esporte um conteúdo de ensino mais apropriado à instituição escolar, através das possibilidades para o ensino dos esportes já propostas para grupos heterogêneos e, portanto, para a escola, para então apontar as conclusões e recomendações.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1- BREVES APONTAMENTOS A FIM DE CONSTRUIR UM ENTENDIMENTO HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR**

Na história da humanidade a escola não se apresenta como uma instituição em si e já dada, mas algo em constante construção humana-social desde suas mais remotas origens. Inicialmente a educação das novas gerações era realizada de forma direta pelos adultos pois ainda não havia as escolas, o que passa a existir em suas “primeiras versões” posteriormente enquanto instituição moderna e obrigatória na constituição da vida das futuras gerações.

Inicialmente a instituição escolar, como apresentado por Harper et al (1980), serve como instrumento de poder e de diferenciação de classe, o que se mantém ainda hoje sendo assim. Inicia sendo frequentada apenas pela nobreza e burguesia, sendo instituição de disseminação de seus valores e de sua cultura. Andando a passos largos na história, identificamos o processo de industrialização enquanto fenômeno da humanidade que demarca uma forma própria e significativa para a instituição escolar, delineando ainda hoje essa instituição social na disputa de uma certa cultura, valores ético-morais em um jogo de adaptação ou subversão à realidade social e a vida humana.

O fato a destacar é que o processo histórico de constituição do conceito de escola aponta sempre para atender aos interesses de determinados setores minoritários da humanidade, impondo às novas gerações seus valores e sua cultura, doutrinação moral, uma cultura de resignação e obediência às ordens sociais injustas impostas por essas mesmas minorias encasteladas nas instâncias de poder. O clero, por exemplo, na Idade Média, usa a escola como instrumento de doutrinação moral da igreja e de instrumento para o direcionamento da alfabetização para a leitura dos livros sagrados, portanto, para atender seus interesses. Essa constatação torna-se importante a fim de delimitar o debate feito em meu estudo quanto à locação do ensino dos conteúdos da cultura corporal e dos esportes em aulas de Educação Física da escola moderna enquanto instância de interesses em disputa entre classes opostas pelo contexto capitalista. Assim, podemos, já de início, destacar seu alinhamento hegemônico com os interesses das classes dominantes, o que exige sua transformação e mudanças em sua macroestrutura e também quanto ao ensino dos conteúdos da Educação Física entre eles os dos esportes, como veremos adiante.

Detalhando mais a constituição da instituição escolar, destaco que um momento significativo de transformação da escola e de ampliação de sua abrangência a parcelas mais significativas de pessoas (trabalhadores e seus filhos) se dá durante a Revolução Industrial. Há nesse contexto a implementação de outras relações econômicas e de produção da vida através do trabalho efetivado pelos trabalhadores, instaurando-se nesse momento histórico as condições iniciais de um novo ciclo da humanidade via industrialização da produção.

Constituem-se nesse processo histórico as cidades modernas como as concebemos ainda hoje: grandes aglomerados humanos condicionados por relações sociais de trabalho capitalista; divisão da humanidade em donos dos meios de produção, os empresários capitalistas, e os trabalhadores, e esses atrelados ao “chão da fábricas”; as fábricas sobre a dominação e propriedade dos patrões; a riqueza da humanidade sendo mal dividida; os trabalhadores e a natureza fonte geradora de toda a riqueza sendo submetidos aos donos dos meios de produção. (fonte)

O resultado dessa nova ordem mundial gera um processo civilizatório e de condições humanas injustas e desiguais, em especial para os trabalhadores postos sobre condições muitas vezes de extrema pobreza em meio ao oásis de abundância em que vivem os “donos do mundo”, os “donos dos esportes modernos”, os donos dos meios de produção e dos

poderes sociais e suas instâncias instituídas para lhes atender os interesses (Estado, escolas, parlamentos, mídia, indústria cultural e esportiva, etc).

No bojo dessa rápida exposição histórica, a escola assume desde suas origens primeiras até dos dias de hoje funções e formas de conduzir suas práticas, discursos, ações educativas pelos interesses das elites, portanto, a meu ver, precisa ser reinventada em seu todo: em sua macroestrutura e também em suas ações cotidianas, em meio aos espaços possíveis e “fendas” entre as quais, com boas “cunhas de conhecimentos”, se formarão as rupturas para os avanços dessa instituição a fim de promover mais justiça social e humanidades através dos seus conteúdos de ensino, entre eles o ensino dos esportes institucionalizados através das aulas de Educação Física da escola.

Minha percepção é de que a escola não pode continuar a ser o que é em seus vários níveis de formação, ou seja, não pode continuar a formar sujeitos alienados de si e das compreensões sociais. Sua transformação passa por seus frequentadores se esclarecerem sobre os fatos da vida e quanto às opressões humanas, e próprias, a que estão submetidos, com vista a superá-las em seus cotidianos com novas experiências humanizadoras em seus itinerários educacionais. A escola como a concebo em meu estudo toma como centralidade os fatos da vida real vividos e assume a solidariedade e a aceitação das diferenças humanas advindas das formas distintas de vida como sendo fonte de problematização e ensino, sendo sobre essas questões que se estrutura esse exercício de investigação quanto ao ensino dos esportes.

Fato a destacar, segundo os autores lidos, é que o ensino escolar sistematizado, como ainda conhecemos hoje, ainda não superou algumas formas de ensinar em que os conhecimentos, por exemplo, são apenas transmitidos pelos professores aos alunos, sem que haja o diálogo entre esses (Freire, 1981). Há nas ideias educacionais da escola o “mito” de que cabe ao aluno gravar o conteúdo transmitido em caixas específicas de disciplinas, o que Paulo Freire, 1981, denuncia como uma proposição educacional bancária e fragmentada da vida e que não tematiza a totalidade que constitui a realidade socioeconômica da sociedade capitalista e de como essa incide sobre a vida dos alunos (HARPER et al, 1980).

Nessa mesma perspectiva podemos tratar o tema da avaliação escolar referida por notas, números que quantificam desempenhos utilizados com o objetivo de promover seleção social e de legitimação de escalas de meritocracia que determinam os que seguirão o itinerário de escolarização até os mais elevados graus -ensino universitário - ou ainda para determinar



aqueles que irão para as escola técnica - ensino médio-, ou mesmo os que serão precocemente excluídos da escolarização formal ainda em seus anos iniciais, sendo esses os que se constituirão os grandes contingentes de trabalhadores acríticos e precarizados. O fato a destacar é que essas ações são parte de um projeto educacional propositalmente empreendido de escolarização e orientado por interesse elitistas das classes patronais (HARPER et al, 1980). Nessa configuração de escolarização os professores de Educação Física – educadores da escola-, percebendo ou não, historicamente exercem o papel social funcional a uma educação promotora de injustiças e misérias, ou fazem sua opção político-educacional a favor de outro projeto de escolarização em acordo com as maiorias - os trabalhadores e seus filhos.

A evasão dos alunos das práticas esportivas nesse modelos de escolarização é mais comum do que pensamos, alunos que não conseguiram se adaptar ao ensino de esportes proposto em aulas de Educação Física são excluídos. Nessa proposta as condições sociais e necessidades das crianças e jovens são desconsideradas.

Quase sempre nas comunidades onde se encontram as escolas públicas há muitas falta de equipamentos públicos para a prática de esportes e de materiais esportivos de boa qualidade. Isso tudo somado a baixa qualidade das condições de moradia, enfim, a pobreza produzida socialmente é fonte de exclusão escolar e precisa ser tematizada pela escola. Estamos falando por óbvio da condição de vida da grande parcela de jovens e crianças que se tornarão números estatísticos da exclusão escolar e não ascenderão até os mais altos graus de escolarização. Seus itinerários em relação aos demais sujeitos advindos das burguesias nacionais são ainda hoje precarizados.

Não reconhecer as desigualdades e ter o mesmo ensino para todos com o intuito de fazer esta seleção é compactuar com os ideais do sistema econômico capitalista e perpetuar os modelos social e de escolarização desiguais e injustos como algo intencional, tornando a escola uma das engrenagens de poder para a manutenção dessa ordem injusta que se mantem em nosso país e mundo (HARPER et al, 1980). Qual então seria o objetivo da escola que superasse esse atual estado de coisas?

Segundo Freitas (2011), o objetivo da escola pode ser outro, formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos, propiciando possibilidades para que os alunos participem da vida social, política e econômica do país, sendo esses também princípios e orientações para o ensino dos esportes nas aulas de Educação da Escola, como explicitarei adiante. O autor explicita que, para chegar no destino proposto, é necessário

“[...] a cada momento fazer o aluno pensar, refletir, analisar, sintetizar, criticar, criar, classificar, tirar conclusões, estabelecer relações, argumentar, avaliar, justificar, etc. Para isto é preciso que os professores trabalhem com metodologias participativas, desafiadoras, problematizando os conteúdos e estimulando o aluno a pensar, a formular hipóteses, a descobrir, a falar, a questionar, a colocar suas opiniões, suas divergências e dúvidas, a trocar informações com o grupo de colegas, defendendo e argumentando seus pontos de vistas.”

Um ponto importante a se destacar das elaborações de Freitas, é a atuação dos professores através de metodologias ativas pautadas em desafios e problematizações dos conteúdos do ensino a fim de desenvolver nos alunos o senso crítico através do diálogo e da reflexão, sendo isso apontado no âmbito das proposições do pensamento renovador progressista da Educação Física brasileira encontradas, por exemplo, nas obras de Kunz (1991, 2004), Soares et al (1992) e Bracht (1997). Para estes os problemas da educação podem não estar ligados diretamente apenas às metodologias, mas também a um processo ideológico e político que está inserido na escola e que é necessário que os professores entendam para poderem exercer com qualidade o papel social que lhes cabe dentro da instituição escolar.

Assim que passo a refletir sobre o papel social do professor a partir do destaque de alguns pontos chave que determinam no cotidiano do ensino a operacionalização da opção político-educacional da escola e dos educadores no exercício do ensino dos esportes.

## 2.2- O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR/PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Freire (1979) discorre sobre as dimensões políticas que envolvem a instituição escolar, observando que as escolas podem procurar se abster dos conhecimentos e processos políticos em suas aulas. No entanto, a política não vai ignorar a importância da escola para a manutenção da sociedade.

Na mesma perspectiva, Bracht (1997) a partir de Freire (1983), afirma que há nas proposições de ensino da Educação Física uma consciência ingênua, que se caracteriza pela conduta alienada e acrítica com que atuam os professores de Educação Física ao se aterem apenas ao ensino da técnica dos conteúdos da cultura corporal em aulas de Educação Física da escola. O autor, portanto, identifica a necessidade da compreensão política no ensino escolar. Bracht (1997, p.73) ressalta que

“nas sociedades capitalistas, ou na sociedade brasileira, (*a escola*) é fator de reprodução social, vale dizer, fator de reprodução ou manutenção da sociedade de classes. [...] O autor ainda destaca que o acesso à Educação é seletivo. Isto significa que a estratificação social se reflete no sistema educacional brasileiro.”

Concordando com Freire (1979), essa educação adapta os indivíduos à sociedade, portanto, não há mudança social com essa educação escolar, visto que não há mudança social sem consciência crítica voltada para a transformar a realidade.

A escola por se identificar com uma sociedade de classes, exige que o(a) professor(a) assuma um compromisso político e assim busque com sua prática social ser agente de mudança (Bracht, 1997). Como ressalta Freire (1979, p.26), "o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente à desumanização e humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou a mudança destes caminhos".

Portanto, é necessário que o professor amplie seus conhecimentos e passe a ser mais aberto com a realidade dos alunos e com as comunidades das crianças que frequentam a escola para serem ensinadas, esclarecidas e fortalecidas enquanto agentes das mudanças sociais necessárias a fim de terem uma vida boa e digna, sendo esses fatores determinantes das ações do ensino (trato pedagógico dos conteúdos do ensino da escola).

Podemos observar uma possível aula no texto "Apontamentos da História de Implantação do Centro de Referência Esportiva do Rio Grande/RS" de Capela (2015, p.67), onde em um clube de futebol eram promovidas além de "aprendizagens técnico-instrumentais outras de igual relevância: i) estudos socioculturais sobre o futebol; ii) bom aproveitamento na escolarização formal dos atletas; iii) aquisição de uma segunda língua, preferencialmente a inglesa; iv) conhecimentos culturais e artísticos: leituras indicadas, filmes em vídeo ou cinema, teatro, dança, canto, desenho, pintura, composição de músicas e poesias, etc. E, fundamentalmente, os jovens também aprendiam, nesses processos educacionais, as dimensões políticas de como funciona a sociedade capitalista que os empregaria futuramente"

Assim, é importante que se problematizem, reflitam, critiquem e proporcionem, na escola, perspectivas para a construção de realidades que sejam referidas a partir das demandas e dos conhecimentos dos alunos, ou seja, que os educadores, professores de Educação Física, ajam conscientes de suas opções educacionais: a favor do que e de quem, portanto, contra que e contra quem exercem seus atos educacionais sendo isso determinante para ordenar o ensino dos esportes na escola. A isso denominamos de opção político-educacional do educador. (Freire, 1979).

### 2.3 DA CULTURA CORPORAL DOS JOGOS À CONSTITUIÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESPORTIVA MODERNA

Os jogos antes de serem considerados esportes modernos eram práticas culturais dos populares e que passam a ser sistematizadas e presentes em instituições militares, educacionais, religiosas e outras manifestações de cunho festivo (Sigoli; De Rose Jr, 2004). Portanto, gostaria de destacar que sua origem primeira é como prática corporal das classes populares. É também importante destacar um equívoco presente em uma certa historiografia dos esporte que articula de forma linear os jogos realizados na Grécia antiga com o fenômeno esporte moderno que temos hoje enquanto prática das sociedades hegemônicas pelo capital visto que os estudos indicam que não há uma relação linear entre esses fatos históricos. As mudanças de jogos com caráter festivos e de guerra começaram a ocorrer com o Iluminismo europeu e a criação e disseminação pelo mundo das Escolas de Ginástica, cuja função primeira era a de criar um homem higiênico, forte e preparado para o trabalho, portanto, sua prática assumia já em seu início um caráter classista e seletivo. (Sigoli; De Rose Jr, 2004).

Os métodos ginásticos na Inglaterra se desenvolveram paralelamente ao processo de industrialização herdando dele a racionalização, sistematização e a orientação ao resultado, sendo utilizado pela burguesia como elemento disciplinador, higienista e alienador. (Sigoli; De Rose Jr, 2004).

O uso da atividade física e dos jogos se transformou ainda na Inglaterra, inserindo-se nas instituições escolares, que deles se utilizam para continuar educando em função da nova ótica capitalista. Há uma nova orientação quanto aos jogos e formas de serem jogados através da transformação de suas regras com a elaboração de regulamentos. Também ocorreram transformações na forma de jogar os jogos, os quais passam a determinar as diversas formas culturais dos esportes modernos. São essas transformações que são descritas por, Bracht (2005) como sendo reformatadoras dos sentidos atribuídos às competições, ao rendimento humano e forma de praticar os jogos esportivizados. Nelas os recordes passam a ser valorizados trazendo uma nova racionalidade também para o ensino da cultura corporal e ao ensino dos esportes: são constituídos os métodos de treinamento esportivos e os jogos festivos, como já nos referimos, se “esportivizam”.

O esporte, agora passa a ser uma prática orientada por altas horas de trabalho para obtenção de altas performances (alto rendimento). Há também a criação de grandes circuitos

de competições esportivas, clubes e regras, uma certa normatização oficial das formas de existência dos esportes. São essas novas formas que se espalham “mundo afora” determinando de forma hegemônica as práticas esportivas das culturas corporais modernas, promovendo a difusão de hábitos de praticá-los, valores e uma cultura de massa que leva também ao consumo de materiais e produtos relacionados à sua prática. Constitui-se uma gigantesca indústria em torno das práticas esportivas que passam a determinar sua forma de mercadoria, em especial os eventos e megaeventos esportivos, sob a forma de espetáculo midiático e de jogos virtuais que formam muitas das expectativas trazidas pelas crianças às aulas de Educação Física na escola, as quais necessitam ser esclarecidas em sua forma primeira de se apresentar (Proni, 1998). A reconceituação da cultura corporal através de sua mercadorização-desportivização é algo a ser estudado nas aulas de educação Física, juntamente com as transformações e ressignificações de sua prática na perspectiva de atender às diversas populações de jovens e crianças das escolas. (Bracht, 2005; Kunz, 1991; 1994, Capela 2021).

As grandes competições como, por exemplo, os Jogos Olímpicos modernos e a Copa do Mundo de Futebol estabelecem uma grande influência na visão que se tem do esporte na sociedade. Logo, foi necessário encontrar formas de sustentar essa nova prática, e coube à escola, aos clubes e outras instâncias sociais, especificamente à educação física, o papel de desenvolvê-la.

#### 2.4. O ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Os estudos da Educação Física no Brasil surgiram com um caráter higienista, que se instalou devido à influência europeia em meados do século XIX, com o ensino no âmbito principalmente higienista e físico, com a literatura referente sendo, em sua maioria, escrita por médicos (Daolio, 2014, p.28). Em 1939 a primeira universidade de educação física e desportos chegou ao Brasil, constituída por médicos e militares e assim com a formação de um cunho técnico acrítico sobre o esporte, que se confundia com a educação da atividade física (Castellani Filho, 2013).

Para essa nova sociedade, tal método era utilizado com o objetivo da saúde e manutenção do corpo, buscando um homem mais forte, ágil e empreendedor, pois este era o perfil era necessário para o trabalho devido às mudanças econômicas da época - implementação da industrialização e do capitalismo (SOARES, et al 1992). Assim, os

métodos ginásticos no século XX tiveram uma predominância para a sistematização de ensino de exercícios, que ressaltados pelo autor buscavam

“[...] aliar o desenvolvimento da ginástica ou educação física na escola a garantia de um espaço de respeito e consideração da área perante os demais componentes curriculares. Dessa maneira, a educação física ministrada na escola começou a ser vista como importante instrumento de aprimoramento físico dos indivíduos que, "fortalecidos" pelo exercício físico, que em si gera saúde, estariam mais aptos para contribuir com a grandeza da indústria nascente, dos exércitos, assim como com a prosperidade da pátria” (SOARES et al, 1992, p.35).

A forte influência do militarismo nas aulas de Educação Física da escola é destacada por Bracht (1997), principalmente nas quatro primeiras décadas do século XX, quando os métodos ginásticos são levados à escola e ministrados por instrutores ou “aplicadores” dos métodos. O autor também cita o histórico militar de exercício corporal com o intuito de desenvolver a aptidão física, com objetivos de autodisciplina, hábitos higiênicos, capacidade de suportar dor, coragem e respeito à hierarquia. O nascimento da Educação Física no Brasil, segundo Bracht (1999, p.73)

“[...] se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo.”

Com o final da Segunda Guerra Mundial e, coincidentemente, com o final da ditadura do Estado Novo<sup>1</sup>, novas tendências para o ensino da EF começaram a ser impostas no ambiente escolar (Soares et. al 1992). O esporte então passa a ser o conteúdo da cultura corporal que determina as aulas de EF das escolas, passando a ser o esporte sinônimo de Educação Física escolar devido à forte influência europeia, as ideias dos métodos ginásticos entre esses o Método Natural Austríaco desenvolvido por Gaulhofer e Streicher e o esporte, através do Método Desportivo Generalizado divulgado no Brasil por Auguste Listello (SOARES et. al 1992; BRACHT, 1997).

---

<sup>1</sup> Regime autoritário implantado por Getúlio Vargas em novembro de 1937 alegando uma suposta ameaça comunista (Pandolfi, 1999)

O ensino dos esportes na escola refere-se às técnicas das modalidades esportivas, ainda com a ideia central em uma visão apenas biológica do ser humano e referenciada na biomecânica como modelo de movimento, o que traz novos objetivos e significados ao ensino da EF escolar e o esporte, a ideia, por exemplo, de preparar os estudantes para representar o país nas competições internacionais (Bracht, 1999).

A ideia do professor “instrutor” passa para o professor “treinador”. Passam a ser assumidos pelos professores de Educação Física da escola esses papéis sociais no ensino dos conteúdos da Educação Física, entre eles o esporte, em detrimento de sua atuação enquanto educador na plenitude do que isso implica, ou seja, atribuindo-lhe funções para além de apenas ensinar a técnica dos esportes, algo importante, mas atendo-se a outras tantas expressões e compromissos sociais os quais demarcam seu papel social e sua opção de classe frente a não neutralidade que devem exercer os professores/educadores da escola ao ensinarem os conteúdos específicos de suas disciplinas (português, matemática, história, Educação Física, etc), haja vista não haver neutralidade educacional nem da escola, e tampouco de seus educadores e agentes.

Assim essa postura deve ser exercida enquanto trato pedagógico do esporte da escola a fim de superar sua forma institucionalizada do esporte na escola, a fim de que seus princípios de rendimento, competição, comparação, vitória e derrota sejam tematizados pela Educação Física escolar (Bracht, 1997). Há uma diferença a ser demarcada entre o esporte na escola e o da esporte, determinando assim um campo de autonomia da sua prática na escola em relação a sua forma institucionalizada de ser ensinado (BRACHT, 1997; SOARES et al, 1992). O caráter militar e biológico historicamente assumido para as práticas do Ensino da Educação Física escolar com objetivos voltados para aptidão física e também o ensino do esporte sob sua forma institucionalizada são superados pelo Movimento Renovador da Educação Física pós-ditadura civil militar no Brasil, quando os conteúdos dessas práticas passam a ser ensinados também com uma perspectiva crítico e reconstrutiva de seus sentidos e significados.

Segundo Bracht (1999), é a partir da década de 80, com a entrada das ciências sociais e humanas na Educação Física, que passam a ser pensadas novas possibilidades de ensino dos conteúdos da Educação Física e dos esporte na escola. É a partir da crítica e de superação do paradigma da aptidão física que passa a ganhar corpo na área a reflexão e a importância da função social da Educação Física em seu fazer escolar. É quando surgem as abordagens

progressistas e críticas da Educação Física escolar (BRACHT, 1999) e nesse bojo as novas formulações para o ensino dos esportes na escola.

Para entender o conceito de esporte institucionalizado formulado no âmbito da Educação Física crítico-progressista, segundo (KUNZ, 1991, 1994; HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001) é preciso pensá-lo a partir de dois princípios: a sobrepujança e as comparações objetivas.

O princípio da sobrepujança caracteriza-se pelo princípio de vencer como o objetivo principal das modalidades esportivas. Podemos observar esse conceito nos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, o futebol e handebol que possuem a finalidade de fazer mais gols e o tênis, vôlei e basquete em se realizar mais pontos. Assim como em jogos populares e/ou infantis de invasão, como por exemplo, o “Pique Bandeira”, quando oferecido através dessa orientação no sistema esportivo com o objetivo central de competição obrigatória entre os sujeitos do jogo/brinquedo, estabelecendo vencedores entre os que “brincam”, ou seja, aqueles que capturarem o maior número de bandeiras de bandeiras do que seus adversários, sendo eles enaltecidos em relação aos demais.

A palavra adversário é importante neste contexto, pois assim é nominada a pessoa que está na mesma prática esportiva compondo a equipe oposta. Conseqüentemente, se produz a ideia de vencer constantemente, com o propósito de sobrepujar o adversário ou equipe adversária (SOUZA, 2015), o que traz inúmeras conseqüências indesejáveis aos atores de um jogo ou brincadeira quando proposto a grupos humanos heterogêneos como são os constituídos na escola e no mundo da vida comunitária.

Já o princípio das comparações busca a “padronização” das condições das práticas esportivas entre os participantes “igualando as condições” para a realização das competições. Isso sendo determinado de forma externa ao mundo de vida dos participantes. Como afirma Hildebrandt-Stramann (2013, p.32), as padronizações servem para conseguir comparar objetivamente os rendimentos através da normatização externa das condições para a prática esportivas isso ocorrendo em áreas físicas- arquitetura dos locais de competições e dos equipamentos esportivos, até a elaboração de cadernos de regras oficiais que disciplinam as práticas motoras e os padrões motores de realização dos movimentos humanos dos esportes.

Um destaque importante quanto a esse princípio refere-se às padronizações arquitetônicas dos locais e equipamentos esportivos das praças públicas e escolas como são os ginásios, esses planejados com tamanhos ideais, equipamentos padronizados como traves,



cestas, redes, etc, deixando pouco espaço para novas formas de práticas. O mesmo se dá quanto às regras e forma de realização de eventos esportivos que seguem as formulações conforme o sistema esportivo tradicional e suas instituições, como por exemplo, o futebol e a FIFA (Federação Internacional das Associações de Futebol) ou o Basquete e a FIBA (Federação Internacional de Basquetebol) o que restringe ações criativas e mais apropriadas de seu ensino, privando muitas das vezes novas expressões e a criação de novas formas de sua apropriação por populações de praticantes a fim de atender suas necessidades. Outro fato a destacar é que as padronizações das regras limitam, os movimentos executados, como já nos referimos, das pessoas no seu Se-movimentar (KUNZ, 2004)

Como consequência da condução do ensino dos jogos e brincadeiras da cultura corporal primeira dos praticantes sob a determinação desses dois princípios, Kunz (2004), diz haver a constituição de processos de seleção, especializações e instrumentalização dos sujeitos que sofrem os atos educativos desses processos de ensino, algo indesejável, sobretudo, para crianças e jovens frequentadores das aulas de Educação Física da escola.

Deste modo, nas aulas de Educação Física da escola é possível, e necessário, tratar o ensino dos esportes de forma padronizada e para além dessa forma “padronizada imposta pelo sistema esportivo Olímpico como se fosse única, algo que está muito naturalizado entre alguns professores da Escola. Em sentido diverso, no âmbito das proposições renovadoras progressistas de ensino dos esportes em aulas de Educação Física da escola, o ensino das técnicas, das regras, suas áreas físicas de jogo, equipamentos e também as conjunturas culturais das competições podem ser transformadas a fim de melhor democratizar sua prática que também deve ser esclarecida cientificamente, proporcionando novas experiências de movimento e de experiências de ensino dos esportes através de ações educativas problematizadoras, criticadas e refletidas do esporte.

Os autores do campo Renovador Crítico da Educação Física brasileira, como Kunz (2004) e o coletivo de autores da obra Metodologia do Ensino da Educação Física (1992), buscaram uma superação reflexiva-crítica quanto ao ensino dos esportes na escola e através de mudanças e de novas práticas pedagógicas levaram para o campo da Educação novas visões, conceitos e metodologias para serem trabalhadas nas escolas, objetivando o desenvolvimento do aluno enquanto sujeito histórico, social, político e cultural em superação às reduzidas formulações de ensino de esporte somente atuando sobre um corpo biológico,

separando o pensar do agir e as ações da escola do mundo social que a circunda (Carvalho, 2013, p.13)

Ainda nessa perspectiva, segundo Soares *et al* (1992), uma metodologia Crítico-Superadora da Educação Física deve promover uma leitura da realidade, tomando como tema de estudo e reflexão os conteúdos do ensino a partir do ponto de vista da classe trabalhadora, estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais. Quanto ao esporte, a autora entende que deva ser abordado enquanto produção histórico-cultural, problematizando-o quanto aos códigos que lhe são socialmente atribuídos e, desta forma, "desmistificando-o" através de seu trato pedagógico com conhecimentos científicos que permitam aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural.

Quanto à compreensão com que os alunos chegam em aulas de Educação Física da escola Kunz (2004) e os autores das concepções Renovadoras Progressistas da Educação Física brasileira afirmam ser papel social do professor de Educação Física problematizá-la, desconstruindo as alienações, opressões que limitam o pensar crítico do aluno quanto às inquestionabilidades do esporte, a fim de produzir em aulas de Educação Física escolar processos de emancipação social via ensino e estudo dos esportes. Logo, o aluno para fazer parte da vida social, cultural e esportiva necessita de ter a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados através da reflexão crítica. E, portanto, segundo os autores estudados, a realidade do esporte deve ser problematizada, não se contentando somente com a sua prática.

A ideia de uma Educação Física que reflete sobre suas características sociais é importante para o desenvolvimento do aluno como cidadão crítico com possibilidades de entender o mundo e refletir sobre ele. O esporte de maneira cultural até seus dias atuais se transformou devido às novas tecnologias e seus megaeventos, trazendo uma nova realidade a sua prática e, portanto, diversas formas de entendê-lo e estudá-lo.

No entanto, a instituição escolar ainda luta para sair das suas raízes de ensino para conseguir adentrar as novas ideias de educação o que me leva a buscar entender melhor suas origens e diversas formas histórico-sociais de apresentar-se enquanto instância educadora em constante disputa por seus significados sociais como ainda vemos nos dias de hoje.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa. Esta ajuda a entender as observações com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trazendo um universo de significados e motivos, aspirações das crenças, dos valores e das atitudes (Minayo,2001,p.21).

A pesquisa é classificada como exploratória, com caráter descritivo, pois se entende como a primeira etapa de uma investigação mais ampla, desenvolvendo conceitos e refletindo sobre os mesmos através de levantamentos bibliográficos, documentais e entrevistas semiestruturadas com o objetivo de proporcionar uma análise do que foi encontrado (Gil, 2008)

#### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O participante do estudo foi um professor de Educação física vinculado à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Foram critérios de inclusão no estudo aquele que: a) Ministra aulas para turmas de 6º ano a 9º ano b) Aceitar os termos da pesquisa. Como critérios de exclusão: a) professores afastados b) em cargo de administração c) que não ministram aulas nas turmas selecionadas.

#### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A entrevista semiestruturada será escolhida para coletar os dados, sendo elaborada pelo autor do estudo e seu orientador. Segundo Triviños (1987, p.146):

“Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.”

Manzini (2012) também define a entrevista semiestruturada:

“A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica: grupo de professores; grupo de alunos; grupo de enfermeiras, etc. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o fenômeno em pauta.” (p.56)

De acordo com os autores, esse modelo de entrevista possui uma liberdade no momento de sua ação, com perguntas flexíveis que tornam a experiência mais complementar do que uma entrevista estruturada, com a possibilidade de uma maior participação do entrevistado com o complemento de ideias que podem surgir das perguntas realizadas.

A entrevista semiestruturada (Apêndice A), portanto, dispõe de 6 (seis) questões norteadoras em função de direcionar o professor sobre o assunto. Dentre as questões levantadas foram inseridos aqueles referentes ao conceito de esporte, planejamento das aulas, abordagem, espaços de atividades, interação com os alunos e por fim compreender o papel social do professor de educação física na escola.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para o procedimento de coleta de dados, foi realizado contato com a escola escolhida pelo pesquisador, que se deve ao fato de ser localizar em um bairro periférico de Florianópolis, ser campo de Estágio Supervisionado para a formação de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC e de fácil acesso do investigador. Foi apresentado o projeto de pesquisa e verificado os professores que demonstraram interesse. Após a apresentação, foi entrado em contato via e-mail com o professor selecionado, tirando possíveis dúvidas e apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B).

A entrevista semiestruturada foi agendada conforme a disponibilidade do entrevistado, e aconteceu na escola participante. Como ainda estávamos em meio a pandemia do COVID-19, foi realizada a entrevista em uma sala ventilada, com distanciamento e todos os participantes de máscara.

### 3.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi aceito pela Secretaria de Educação de Florianópolis e logo submetido e aceito pelo Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) pelo nº 5.289.338 (Anexo B). O participante assinou devidamente o TCLE, neste documento esclarecemos: a) os objetivos e procedimentos metodológicos b) que não haverá gastos financeiros e somente o tempo para a participação da pesquisa c) segurança enquanto seu anonimato. Podendo o participante desistir da pesquisa a qualquer momento.

### 3.6 ANÁLISE DE DADOS

Os dados alcançados através da entrevista semiestruturada foram norteados com as perguntas principais do roteiro. Para a compreensão desses dados foi realizado a análise de conteúdo segundo Bardin (2006), com as fases de: pré-análise, exploração do material e tratamento da coleta de dados.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Sobre a caracterização do professor, é importante ressaltar a sua participação em ações fora do ambiente escolar, mas que são muito importantes para a categoria dos professores. Sua participação no sindicato foi um dos pontos levantados durante nosso encontro, estando envolvido desde que entrou na escola participante da entrevista, em 2014, tornando-se representante da mesma dentro do sindicato. Em sua fala esclareceu a luta dos professores para ter seus direitos garantidos ano a ano:

“Praticamente todos os anos que trabalhei na prefeitura teve greve, é uma constante pois nossas condições de trabalho, como a gente antes da entrevista fez uma volta pela escola, podemos ver que temos vários fatores de risco na escola. Então a gente está sempre em uma disputa, com a prefeitura, por condições de trabalho, por garantia dos direitos trabalhistas que já estão na lei, como por exemplo agora com o piso nacional que a prefeitura não pagava, e outras questões trabalhistas em geral assim.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Está fala do entrevistado demonstra seu compromisso com a profissão para além da sala de aula e dos ensinamentos técnicos científicos. Ao relacionar as condições de trabalho como pilar fundamental para o bom desenvolvimento da sua docência, evidencia uma visão de mundo ampliada e fundamentada na construção coletiva no seio da prática educativa.

A entrevista durou aproximadamente 1 hora e 25 minutos e mesmo com a pandemia da COVID-19 ainda presente, ocorreu de forma presencial, na escola, com todos os participantes de máscara, com distanciamento e em uma sala ventilada. Antes da realização da entrevista o professor apresentou a escola sendo possível percorrer os diferentes ambientes, em especial aqueles destinados ao ensino da Educação Física.

A articulação dos dados primários coletados com a revisão da literatura, gerou três categorias, consideradas neste estudo como dilemas temáticos que serão apresentados como possibilidade de enfrentamento à transformação do ensino de EF na didática dos esportes. A fim de tornar o esporte um conteúdo de ensino mais apropriado à instituição escolar, através

das possibilidades para o ensino dos esportes já propostas para grupos heterogêneos e, portanto, para a escola, para então apontar as conclusões e recomendações. A seguir serão discutidos os três dilemas temáticos na seguinte ordem: A Escola da Desigualdade; O Esporte Como Conteúdo de Reflexão Política e Social; A Importância do Professor Para a Comunidade Escolar

#### 4.1 A ESCOLA DA DESIGUALDADE

Para dar seguimento a este capítulo, é necessário ter a compreensão da escola que desejamos e posteriormente discutir sobre as dificuldades encontradas para chegar ao final deste caminho. Como citado anteriormente, o objetivo da escola é formar cidadãos críticos que consigam participar da vida política e econômica do país, sendo assim um lugar de formação humana; apreensão da realidade; aprender configurado em suas expressões de constatar, demonstrar, compreender e explicar a realidade complexa na qual nos encontramos inseridos, de forma crítica, autônoma e criativa (CASTELLANI FILHO, 2013)

Em função de compreender a sociedade e poder refletir e criticar sobre a mesma, é necessário que a escola seja um espaço aberto às questões políticas e sociais que vivemos, e também com estrutura física e materiais fundamentais para seu aprendizado. Na fala do professor somos capazes de perceber as dificuldades para este ensino e seu entendimento sobre a instituição escolar:

“[...] como a escola muitas vezes ao invés de ser um lugar de construção de conhecimento, um lugar de liberdade, é um lugar de aprisionamento. E não um aprisionamento não só físico, mas de ideias também. Eu vejo a escola como um local em disputa, porém, na sua essência um local de reprodução das condições sociais que a gente vive. Então, eu percebo na minha prática por exemplo, as escolas periféricas como a nossa, tem condições estruturais, físicas, e de materiais da nossa área, muito mais precárias que as escolas que atendem as outras classes sociais.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

A ideia de reprodução de classes no sistema escolar pode ser defendida com os dizeres de Harper *et al* (1980) sobre as escolas para os mais pobres, onde os “ignorantes” devem ser “educados” para se tornarem bons cidadãos e trabalhadores disciplinados, sendo sua função dar aos futuros operários o mínimo de cultura necessária à sua integração na sociedade industrial. O professor em sua fala segue com essa ideia:

“Então eu vejo a escola como um espaço essencialmente de reprodução de classes da população em geral, das crianças. Porque as escolas públicas,

elas atendem as crianças oriundas da classe trabalhadora e elas têm uma educação para que elas desenvolvam trabalho simples, trabalhos com menores complexidades e menor remuneração também. Enquanto as escolas de elite, elas preparam dirigentes, pessoas para assumir funções dentro da sociedade de direção e não de subordinação como esses trabalhos mais simples”. (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Concordando com a fala do professor, podemos ver em Freire (1979), que também cita a conservação do status ou privilégio com a sua ideia de sociedade fechada, com seu propósito do sistema educacional manter este status:

“Há uma dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual. Nestas sociedades nenhum pai gostaria que seus filhos fossem mecânicos se pudessem ser médicos, mesmo que tivessem vocação de mecânicos. Consideram o trabalho manual degradante; os intelectuais são dignos e os que trabalham com as mãos são indignos. Por isso as escolas técnicas se enchem de filhos das classes populares e não das elites.” (FREIRE, 1979 p. 19)

As questões relacionadas entre escola de elites e escolas para as pessoas de classes mais baixas reflete sobre a igualdade de condições que surge dentro do ambiente escolar. Não é possível falar sobre essa igualdade sabendo das condições da instituição em bairros mais pobres, com falta de materiais, prédios aos pedaços e em sua maioria sem condições de trabalho aos professores, que também veem em seus alunos as dificuldades que trazem do ambiente familiar. O professor, portanto, relata em sua fala sobre o seu objetivo enquanto educador para transformar a escola e superar a condição de classes estabelecidas:

“Mas temos uma organização dos trabalhadores no sentido de que essa escola supere, e sirva para superar, a condição de classe dessas crianças. Então a gente busca uma escola pública que forneça para as crianças o conhecimento necessário para que elas atuem para transformar essa sociedade, que é totalmente injusta e desigual.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

É importante ver em sua fala a busca de superar e transformar a sociedade desigual formada pelo nosso sistema atual. Tal diálogo vai de frente com a ideia de Pérez Gomes (1998, p. 24), onde cita que “a igualdade de oportunidades não é um objetivo ao alcance da escola. O desafio educativo da escola contemporânea é atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender, nas melhores condições possíveis, no cenário social”.

É possível avistar, portanto, um dos caminhos para superar a educação classista, que visa nas escolas públicas seu “refugio”, com pessoas que possuem o fracasso nos estudos e

são convencidas a ocupar empregos de menor remuneração (Harper et al, 1980). Para isso, é essencial dedicar-se para que o aluno reflita, critique e dialogue sobre a sociedade que vive. Buscando assim oportunidades que antes não possuíam.

Os esportes como conteúdo da educação física pode ser uma grande fonte de ensino sobre as questões políticas e sociais. Dentro dele é possível entender as relações de dinheiro, poder e influências que são pregadas através da mídia que circundam nossas vidas. Visto isso, é oportuno discutir as relações que os professores de educação física procuram quando ensinam o conteúdo esportivo.

#### 4.2 O ESPORTE COMO CONTEÚDO DE REFLEXÃO POLÍTICA E SOCIAL

O esporte historicamente caracterizado somente pelo seu aspecto biológico com objetivos de aptidão física e o ensino do esporte institucionalizado vieram a ser superados pelo Movimento Renovador da Educação Física pós-ditadura civil militar no Brasil, quando os conteúdos dessas práticas passam a ser ensinados também com uma perspectiva crítico e reconstrutiva de seus sentidos e significados, buscando superar a aula da atividade física.

Idealizando um ensino dos esportes com críticas e reflexões, Kunz (2004) e o coletivo de autores da obra Metodologia do Ensino da Educação Física (1992) trouxeram novas ideias para o campo Renovador Crítico da Educação Física Brasileira. A metodologia crítica superadora de Soares et al (1992), especificamente, vem a promover uma leitura da realidade com o ponto de vista da classe trabalhadora. Nessa perspectiva que o professor entrevistado e a escola trabalham, podendo ser percebidos em algumas de suas falas:

“E aí dentro da educação física a gente trabalha com a metodologia crítica superadora. Ela é crítica porque ela busca enxergar a sociedade na sua complexidade, nos seus mais diversos âmbitos, então a gente enxerga o esporte pelo viés da mídia, patrocínios, do conhecimento corporal individual, coletividade, política pública, uma formação crítica do esporte é isso. É superadora porque a gente entende que do jeito que a sociedade está organizada, a gente precisa superar essa condição de classe.”  
(PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Entender e estudar sobre o aporte das mídias sobre o esporte, o dinheiro envolvido nos patrocínios milionários de atletas e clubes juntamente ao dinheiro público que não é garantido a comunidade é estabelecer laços concretos com projetos políticos e mudanças sociais, nos quais o professor entrevistado com seu entendimento de escola consegue trabalhar para superar a reprodução de classe.



Igualmente reflete sobre o esporte de alto rendimento, onde em sua fala percebe que não há espaço para ele no ambiente escolar, pois é nocivo à saúde da criança, não conseguindo acompanhar o ritmo que deve ser realizado os exercícios e contribui a comparações e competições desnecessárias ao ambiente escolar:

“[...]o esporte de alto rendimento, ele é inclusive nocivo a nossa saúde, leva nosso corpo ao extremo da performance física, e isso gera um desgaste corporal bastante intenso” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022).

Bracht (1997) possui a ideia de que o esporte **na** escola fornece a base do esporte de rendimento no ambiente escolar, com o ensino estrito da técnica o que demonstra a falta de autonomia da educação física. No entanto, para o professor, é necessário ter uma relação ampla do esporte, e dentro dessa visão está o esporte de alto rendimento:

“E aí uma discussão clássica da educação física, o que seria o esporte **na** escola e o esporte **da** escola. Então o esporte da escola é o esporte que nos dê as condições de ampliar o conhecimento das crianças não só no esporte em si mas tudo que envolve o esporte. Então o esporte hoje ele é um objeto, uma mercadoria, dentro do mercado capitalista, ele vai reproduzir portanto as relações do capital. Então a gente trabalha o esporte na escola para que as crianças tenham essa noção, para que no mínimo construam as condições para elaborarem isso nas suas vidas, que é a condição de classe social e que possam inclusive atuar para superação da sua condição de classe.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Assim, sua ideia vai de acordo com Kunz (2004) na qual fala que a educação física pode tematizar criticamente os problemas inerentes ao esporte de alto rendimento, seus princípios e sua comercialização. E concordando com Bracht (1997) é necessário construir um ensino dos esportes que desmistifique a cultura esportiva, na qual possibilite as classes mais baixas, ou como descreve o autor: “dominadas”, analisarem criticamente o fenômeno esportivo com todo seu contexto socioeconômico-político e cultural.

O esporte de rendimento então pode ser ensinado nas escolas, mas não focado em sua maneira técnica e tática. A ideia não é retirá-lo de cena, pois ainda é uma parte do amplo entendimento sobre o esporte. De acordo com Bracht (2000, p.16) “o que a pedagogia crítica em EF propôs/propõe, não é a abolição do ensino de técnicas, ou seja, a abolição da aprendizagem de destrezas motoras esportivas. Propõe, sim, o ensino de destrezas motoras esportivas dotadas de novos sentidos, subordinadas a novos objetivos/fins, a serem construídos junto com um novo sentido para o próprio esporte”. E podemos ver tal questão na fala do professor:

“Então, eu prezo muito pelo conhecimento técnico dos estudantes, inclusive o conhecimento mais avançado que é o do esporte de alto rendimento.[...] Mas ao longo do desenvolvimento da criança na escola, quando eu volto pro atletismo no 8º e 9º ano, eu considero essencial que ela tenha o conhecimento da técnica mais avançada do esporte, seja qual for. É óbvio que ela não vai conseguir reproduzir a técnica mais avançada, mas ela vai ter a noção e vai experimentar como é. Porque? Porque isso possibilita, ao longo de toda sua vida, praticar o esporte, não necessariamente de alto rendimento, mas o esporte comunitário aqui na praça.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Não podemos negar esse conhecimento ao aluno pois ele faz parte do esporte, contudo é necessário transformá-lo e não ser a prioridade de aprendizado em suas aulas. Através dele podemos, por exemplo, investigar na história das modalidades esportivas como surgiu cada técnica, como eram os primeiros movimentos e ajudar o aluno a conhecer o próprio corpo pouco a pouco. Tal ação é refletida na metodologia crítica superadora (1992), que também vem a estudar novos temas e atividades como: jogo, ginástica, dança, lutas e atualmente podemos atuar com esportes de aventura e até mesmo jogos eletrônicos, que crescem cada vez mais na nossa sociedade.

Concordando com Kunz (2004), o professor de educação física deve auxiliar o aluno a criar uma reflexão crítica sobre todas as formas de encenação esportivas, sendo ela educacional, de lazer ou alto rendimento. Para o autor, o objetivo da educação física não é apenas o desenvolvimento das ações do esporte, e sim a compreensão das críticas e diferentes formas da encenação esportiva, os seus interesses e problemas vinculados ao contexto sociopolítico. Levando isso em consideração, foi levantado a questão dos grandes eventos, que recentemente aconteceram no Brasil e movem um país inteiro com grandes quantias de dinheiro e infraestrutura:

“Sim, a gente trabalha também. Ano passado por exemplo, tive a oportunidade que logo que eu voltei tinha acabado os jogos paralímpicos, então a gente aproveitou e já emendou essa tematização do esporte paralímpico. E aqui é ainda mais importante, porque a gente é um polo de estudantes com deficiência [...] Fomos problematizando várias questões desde as condições de uma criança com deficiência acessar os jogos, o esporte, até a problematização desses mega eventos, a estrutura que tem esses mega eventos do dinheiro que é gasto, do direcionamento da verba do esporte nacional, tudo isso a gente vai problematizando pra que eles entendam que, por exemplo: o dinheiro que vai pra um mega evento ele é o mesmo dinheiro que não vai pra manutenção do bairro, então é uma questão de prioridade.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

O esporte hoje é muito importante para economia capitalista, considerado por economistas como o quarto setor das sociedades modernas contemporâneas, podendo uma olimpíada mobilizar aproximadamente 2,1 bilhões e uma copa do mundo 4,2 bilhões (CAPELA, 2006). Entender a importância do esporte para o mundo capitalista é necessário para compreender a situação da classe trabalhadora enquanto entretenimento, espaços de lazer e oportunidades de trabalho. Para Capela (2006, p. 107 ) os mega eventos:

“são eventos muito oportunos e lucrativos à iniciativa privada, pois já na sua forma de serem organizados está implícita uma grande estratégia de negócios e “obtenção de lucros”: os Estados nacionais, em troca de prestígio político e exposição de suas teses ideológicas garantem a infraestrutura para estes eventos, quase sempre com superfaturamentos. Logo após a realização relâmpago dos eventos, as estruturas “ociosas” são repassadas para serem exploradas por empresas privadas do esporte, por valores de concessão ínfimos, fechando-se, assim, o ciclo de apropriação dos Estados nacionais pelas elites capitalistas. Trata-se, neste caso, de um estado mínimo para as demandas populares, mas máximo e generoso para as elites do capitalismo empresarial, inclusive para com as elites esportivas”.

A sociedade através das mídias, agora muito mais presentes na vida de cada um, constrói uma visão de esporte elitista, que visa o alto rendimento e o lucro acima de tudo. O esporte para os mais ricos, mostra, na visão de Castellani Filho (2013), que o esporte ainda é mais importante para a economia do que para o povo. E concordando com o autor, é necessário rever o esporte e sua reflexão e valores que dão sentido a ele.

Em vista disso, podemos observar que o professor entrevistado trabalha as questões políticas e sociais do esporte, nas quais suas aulas obtêm caráter de diálogo e crítica sobre a sociedade capitalista e suas formas de governo. É possível assim, constatar um papel social conduzido pelo professor em suas aulas, e a importância de seu ensino para os alunos da comunidade. Nos levando assim a questão de quanto é a sua importância, e das suas aulas, para quem vive naquele bairro?

#### 4.3 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PARA A COMUNIDADE ESCOLAR

É a comunidade que forma a escola, e, portanto, a escola deve trabalhar junto a comunidade. Em informações retiradas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola participante, conseguimos verificar que os conjuntos habitacionais construídos pelo governo são para a população de baixa renda, casa de baixo a médio padrão, além de precárias moradias e até mesmo ocupações dos morros, sem qualquer fiscalização. Ainda é possível

notar que a grande maioria das famílias (pais/mães/responsáveis) possuem ensino fundamental incompleto e uma pequena parcela possui ensino fundamental e médio completos, sendo a maioria das ocupações profissionais com baixa remuneração. Portanto, como descrito no PPP da escola participante, muitas crianças e adolescentes que frequentam a escola se encontram em situação de vulnerabilidade social.

As condições da escola não são nada favoráveis, o professor entrevistado fala que não são repostos os materiais esportivos desde 2014. Juntamente a isso é possível notar quadras com telhas quebradas, onde quando chove fica impossibilitada de uso e as traves encontram-se todas em más condições. E nos espaços abertos, onde as atividades de educação física ocorrem além da quadra, não estão disponíveis por falta de cuidado do espaço.

Compreender, portanto, a situação da comunidade que compõe a escola e o sistema econômico vigente é de suma importância para designar os conteúdos necessários para seu aprendizado que podemos reparar na fala do professor a seguir:

“E a sociedade capitalista, portanto, é dirigida por meio do estado para atender o interesse da manutenção do poder da classe dominante. E aí a gente atende na escola pública zero estudantes da classe dominante. Toda a política educacional, toda a política pública é feita fundamentalmente para a educação da classe trabalhadora, e na perspectiva do materialismo histórico-dialético a nossa função enquanto professor é dar as condições, ou trabalhar as condições, para a superar a sociedade de classes, que é a eliminação, portanto, da divisão da sociedade entre os que mandam e obedecem.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Pires (1997, p.86) explica que “o método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é um método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis.” A práxis assim explorada e explicada por Freire (1979, p.25) afirma que “na ação que provoca uma reflexão que se volta a ela, o trabalhador social irá detectando o caráter preponderante da mudança ou estabilidade, na realidade social na qual se encontra. Irá perceber as forças que na realidade social estão com a mudança e aquelas que estão com a permanência.”

Portanto, o professor busca junto com a metodologia Crítico Superadora, já citada acima, “dar todo os elementos tanto do conhecimento corporal, tanto do conhecimento das relações sociais e do conhecimento da sociedade em geral, para que ela intervenha na realidade a partir das suas particularidades de modo que a gente busque superar a condição de classe”. (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

Para Bracht (1997) o esporte escolar no nosso país reforça a ideologia capitalista, que faz as normas e valores serem os desejáveis na sociedade. Para o autor, o esporte educa para adaptar-se à sociedade capitalista e colabora para a classe dominante.

A importância de fazer, portanto, a práxis dentro do processo de ensino escolar é para que os alunos reconheçam que a prática esportiva é mais do que o saber fazer, e sendo assim possível desenvolver uma pedagogia esportiva, com acesso a uma cultura desmistificada (Bracht, 1997; Kunz, 2004). Envolver a comunidade neste processo é imprescindível tendo em vista as barreiras sociais e econômicas que são levantadas durante suas vidas. O esporte também é uma cultura, também é um saber e pode ser utilizado para emancipação.

Podemos entender a comunidade escolar quando levantamos uma dúvida sobre a nova praça em frente à escola e o professor responde:

“O parque foi uma conquista da comunidade, somos um bairro bastante populoso aqui, a escola está dentro de um conjunto habitacional que tem algumas centenas de famílias em um espaço bem pequeno sem uma área de lazer. A área que tinha era uma quadra descoberta que em poucos anos já perdeu utilidade, e nosso bairro tem cerca de 20 mil pessoas, e não existia nenhuma praça. E é um bairro tradicional, um bairro antigo da cidade e não existia nenhuma praça, nenhum equipamento de lazer. Então o conselho universitário do bairro veio lutando ao longo de muitos anos para a construção de uma praça no bairro, e ela foi conquistada recentemente, deve ter uns 2 anos.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

As políticas públicas que regem nosso sistema, portanto, são importantes para o seguimento de luta da classe trabalhadora em função de conquistas para a comunidade. É interessante pensar nas condições de lazer dos bairros mais pobres e as condições da classe mais alta da sociedade da cidade, nas quais tem acesso a locais e instrumentos de lazer de qualidade sem precisar lutar para tal. Em sua fala, podemos entender como ele trabalha tais questões:

“Eu sou pesquisador em política educacional, então eu me interesso muito pela área de políticas públicas, e no oitavo e nono ano eu faço um trabalho de longo prazo através do ano de estudos das políticas públicas de lazer do bairro e dos bairros vizinhos [...] Então, por exemplo, temos vários estudantes que praticam futebol em escolinhas particulares, e na escolinha particular a condição é boa, enquanto o campinho do bairro não tem nenhuma condição. Então quem administra lá? Quem administra aqui? Quem é responsável por essa praça? Quem é responsável pelo conselho comunitário? Vamos chamar o conselho pra conversar? Então a gente vai com isso dando o conhecimento que eles precisam para interferir na realidade social do bairro deles.” (PROFESSOR ENTREVISTADO, 2022)

As ações realizadas pelo professor reforçam o caráter social do conteúdo esportivo, que de acordo com Castellani filho (2013) o esporte não será visto como uma visita quando a escola deixar de valer o propósito do sistema esportivo, percebendo como um espaço de formação e reconhecendo a existência do conhecimento no esporte além do saber fazer. Desta forma, segundo o autor, deixará de ser somente o espaço de recreação do aluno e da instituição esportiva, levando a um nível de transformação pedagógica necessária para reconhecer mais sobre a sociedade que vive.

Logo, o papel social do professor de educação física em escolas públicas deve ser levar a cultura esportiva desmitificada, livre de valores capitalistas em função do alto rendimento e que consiga a partir disso criar uma sociedade crítica, reflexiva e que dialogue com seu meio em busca de melhores condições.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos dados coletados e analisados foi possível observar que o professor entrevistado possui um conceito ampliado de ensino dos esportes, com concepções que atuam em uma perspectiva social e política em busca de criticar e refletir o âmbito esportivo como um todo. Tal compreensão se expressa na metodologia que ele utiliza em seu trabalho mostra um cuidado com a comunidade e com os alunos que fazem parte da instituição escolar, em direção a combater a reprodução da sociedade de classes.

Mesmo com um único participante, os dados coletados mostram a importância do relato de experiência do docente, colaborando com a literatura estudada. Portanto, considera-se que a pesquisa poderá auxiliar os atuais e futuros professores de Educação Física a compreenderem como trabalhar o esporte na Educação Física Escolar por meio de reflexões, críticas e diálogos que colaborem para o maior entendimento dos alunos sobre a sociedade em que encontram-se.

É importante ressaltar que este estudo aborda somente uma visão de escola e professor. Outros estudos devem ser realizados para entender como cada professor e instituição pública entende seu papel dentro da comunidade que está presente. Em consequência disso, outra questão que pode ser investigada é a diferença entre o papel social do professor em escolas públicas e particulares; como as condições sociais e estruturais afetam o modo de ensino, objetivos e compreensão de seu papel dentro da comunidade escolar.

O papel social do(a) professor(a) de Educação Física em uma escola pública pode ser compreendido no modo de estudar a instituição esportiva no seu espaço mais amplo, com suas categorias políticas, sociais e econômicas, para que o aluno entenda no seu todo a influência desta cultura que está presente a todo momento de sua vida através das mídias e ciclo sociais.

A realização desta pesquisa enriqueceu minha trajetória acadêmica me proporcionando concluir o curso de licenciatura com bagagem crítico reflexiva sobre o ensino não só dos esportes, mas da Educação Física Escolar como um todo. Acredito, portanto, que é necessário em uma universidade pública, o aprofundamento do conhecimento social dos graduandos, por parte da instituição, sobre a comunidade que nos cerca. Em função de uma Educação Física que consiga trabalhar não somente os aspectos técnicos da sua área, mas que critica, reflita e dialogue com o social.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, v. 19, p. 69-88, 1999.
- BRACHT, Valter. **A educação física no ensino fundamental**. Anais... I Seminário nacional: currículo em movimento–Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria e Editora Magister LTDA, 1997
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 6, n. 12, 2000.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução**. 3. Ed. Ijuí: Unijuí, 2005
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física, esporte e lazer: Reflexões nada aleatórias**. Campinas – SP: Autores associados, 2013.
- CARVALHO, Daniela de Lima. **O ensino dos esportes nas aulas de Educação Física: com a palavra os professores**. 2013.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014
- DO CANTO CAPELA, Paulo Ricardo. **Os mega-eventos esportivos e as políticas públicas de esporte e lazer de resistência**. Motrivivência, n. 27, p. 101-118, 2006.
- Esporte Educacional - A experiência do Centro de Referência Esportiva de Rio Grande. Apontamentos da História e Implementação do Centro de Referência Esportiva do Rio Grande/RS, Paulo Capela, p.67-88. Florianópolis: Insular, 2015
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREITAS, Ione Campos. **Função social da escola e formação do cidadão**. v. 2, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- HARPER, Babette et al. **Cuidado, escola. Desigualdade, domesticação e algumas saídas**, v. 35, 1980.



HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2013.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógico do Esporte**. 6 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004

MANZINI, Eduardo José. **Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação**. Revista Percurso, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

PEREZ GÓMEZ, A.I. (1998). “**As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítico do conhecimento e da experiência**”. In: GIMENO SACRISTÁN, J. & PEREZ GÓMEZ, A.I. Compreender e transformar o ensino. 4. Ed. Porto Alegre: ArtMed, pp. 13-26.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a educação. Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 1, p. 83-94, 1997.

PRONI, M. W. **Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo**. Conexões, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 73, 2007. DOI: 10.20396/conex.v1i1.8638015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638015>. Acesso em: 23 ago. 2021.

REPENSANDO o Estado Novo. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

Sedorko, Clóvis Marcelo e Finck, Silvia Christina Madrid **Sentido E SIGNIFICADOS DO ESPORTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Journal of Physical Education [online]. 2016, v. 27 [Acessado 28 junho 2021], e 2745. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v27i1.2745>>. Epub 02 Mar 2017. ISSN 2448-2455.

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci e Mov. 2004; 12(2): 111-119.

SOUZA, D.L.; MAGNO RIBAS, J.F. (2015). **A Praxiologia Motriz e a Abordagem Crítico Emancipatória: Caminhos didáticos e metodológicos para o ensino dos Esportes Coletivos**. 11º Congresso Argentino de Educación Física y Ciencias, 28 de septiembre al 10 octubre de 2015, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.7208/ev.7208.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.7208/ev.7208.pdf)

TRIVISIOS, Augusto NS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa, p. 133, 1987.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. **Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set./dez. 2007.



## APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CENTRO DE DESPORTOS



CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

### Parte I - Dados de Identificação

1 Nome do Entrevistado: \_\_\_\_\_

2 Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) Outro ( )

3 Anos de atuação profissional: \_\_\_\_\_

4 Participação em outra área na rede municipal: \_\_\_\_\_

5 Carga Horária: \_\_\_\_\_

### Parte II - Entrevista (Questões Norteadoras)

- 1) Que espaço é esse chamado escola na sua compreensão?
- 2) Você considera que deve haver diferença entre o esporte institucionalizado e o esporte praticado nas aulas de edf da escola? Se sim, porquê?
- 3) Como você trata o ensino da técnica, das regras, das interações que são sempre movidas por emoções nos jogos esportivos da escola?
- 4) Como você considera as relações sociais e econômicas dos esportes e dos alunos em suas aulas? Se ele considera, como?
- 5) Como você trata as dimensões políticas do ensino dos esportes em suas aulas?
- 6) Em seu entender, qual você pensa que seja o papel social do professor de educação física em uma escola pública quando se ensina esportes?

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CENTRO DE DESPORTOS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar do trabalho de conclusão de curso em Educação Física do acadêmico Rafael Lemos Carcereri Mano, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Ricardo do Canto Capela, docente do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O estudo intitula-se “O papel social do professor nas aulas de educação física: uma análise sobre o ensino dos esportes na rede de educação pública municipal de Florianópolis” e tem como objetivo investigar como ocorre o ensino dos esportes nas aulas de educação física em escolas públicas municipais de Florianópolis a fim de discutir sobre o papel social do professor de educação física referente ao conteúdo esportivo.

Destacamos a relevância da pesquisa, na medida em que os estudos que mencionam o ensino dos esportes colocam como foco as metodologias utilizadas pelos professores, no entanto não apresentam a importância do professor enquanto educador e sua relevância dentro de sala de aula contribuindo com as políticas públicas de educação. Dessa forma, as informações obtidas poderão ser úteis cientificamente e colaborar com a área, além de contribuir com todos os envolvidos no processo educacional. Como benefício direto ao/à participante a médio/longo prazo entende-se que há a possibilidade de refletir sua experiência docente, rememorando suas competências, habilidades e atitudes. Além de contribuir para novas práticas pedagógicas no ensino dos esportes em escolas públicas.

A sua participação é muito importante e se dará por meio da realização de uma entrevista semiestruturada. A entrevista será gravada e realizada mediante a sua

disponibilidade e os dados serão recolhidos individualmente, em ambiente adequado, livre de interferência sonora. Para tanto, utilizaremos o gravador de voz de um aparelho celular.

Gostaríamos de esclarecer que você pode recusar-se a participar, ou mesmo desistir, a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Nos resultados deste estudo, o seu nome não será revelado, ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Informamos que os resultados poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos, garantindo-lhe o direito ao anonimato e resguardo de sua privacidade.

Esta pesquisa não apresenta riscos de natureza física a você, no entanto, existe a possibilidade de mobilização emocional, como por exemplo, algum constrangimento, cansaço ou aborrecimento ao responder as questões da entrevista. Contudo, caso haja necessidade, a coleta de dados pode ser interrompida, retornando sob seu consentimento, tão logo você esteja à vontade para dar continuidade. Lembramos também que, você tem o direito de desistir a qualquer momento. Destacamos que antes, durante e após a coleta de dados, prestamos a assistência necessária a você, explicando todo o procedimento de recolha das informações e esclarecendo qualquer dúvida que surgir

Observamos ainda que, as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a buscar preservar a sua identidade. Porém, acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelas pesquisadoras, existe, mesmo que remota, a possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional. Vale pontuar que, em caso de qualquer dano comprovadamente decorrente da pesquisa, o(a) senhor(a) será indenizado(a).

Informamos que a legislação não prevê nenhum tipo de remuneração ao(a) senhor(a) por participar da pesquisa. Garantimos, no entanto, que se caso houver despesas comprovadamente decorrentes da pesquisa, as mesmas serão ressarcidas. Por fim, as pesquisadoras cumprirão os termos descritos na Resolução CNS 466/12.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar (Pesquisador responsável: PAULO RICARDO DO CANTO CAPELA, contato: (48) - 99619 - 6276, e-mail: pcapelasc@gmail.com. Endereço: Bloco 3 do CDS/UFSC, sala do Vitral Latino Americano de Educação física, Esporte e Saúde, número 216, localizado na Rua Deputado Antônio Edu Vieira, Pantanal, Florianópolis. Em caso de dúvidas relacionadas às questões éticas de pesquisa, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH-UFSC), localizado no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, na Rua

Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Contato: (48) 3721-6094. Destacamos que o CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo devidamente preenchidas, rubricadas e assinadas, ficando uma via para o participante e outra para a pesquisadora.

---

PAULO RICARDO DO CANTO CAPELA

**Pesquisador responsável**

### **DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_,  
após a leitura deste documento e, de ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado(a), ficando claro para mim que a pesquisa seguirá os princípios descritos na Resolução CNS 466/12 e que posso retirar este consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido(a), dos possíveis danos ou riscos deles provenientes, e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto, expresso minha concordância em participar deste estudo.

---

Assinatura do(a) participante

Florianópolis, \_\_\_/\_\_\_/2022.

## APÊNDICE C – Entrevista Transcrita

### ENTREVISTA COM O PROFESSOR

**Tempo de Gravação:** 1 h, 25 min e 15 seg.

Identificação: Professor

**Rafael:** Então começando a gravação, espero que esteja tudo certo, novamente agradecer. Como combinamos anteriormente, vou fazer algumas perguntas, e eu queria perguntar começando perguntando algumas coisas mais básicas: quanto tempo você está trabalhando na rede pública?

**Professor:** Comecei sendo professor de uma forma muito curiosa. Eu era estudante da licenciatura em edf, iniciei em 2007.1 (na ufsc), e aí consegui uma bolsa na universidade que se chamava bolsa treinamento, que pagava mais ou menos meio salário mínimo, e tinha como função na bolsa ser o porteiro do cds, entregando controle remoto e chave pro pessoal que trabalhava lá. E nesse ano houve uma movimentação dos estudantes em torno dos valores das bolsas e dos desvios de funções dessa bolsa, que eram destinados às pessoas com menor renda, onde pegavam estagiários para fazer as funções onde faltavam profissionais na universidade. O movimento estudantil assim, ocupou a reitoria e fez um movimento político em torno desse tema e entre outros, e uma das vitórias da ocupação da reitoria foi de que as bolsas de treinamento se tornaram obrigatoriamente vinculadas à área de conhecimento que a pessoa estuda. Então por uma conquista do movimento estudantil, eu deixei de ser porteiro e me tornei professor de natação, no segundo semestre, aprendendo ainda natação na graduação, porém eu não tinha muita escolha, era pegar ou largar, então foi ali que me tornei professor, porque eu ministrava aulas para algumas turmas de criança que tinham natação, e era eu e eu ali na piscina com as crianças, então ali fui me tornando professor. Até que em 2011, onde eu já tava no período do TCC, e eu tava precisando de trabalho, e eu tinha bolsa, vivia sempre de bolsa, mas a bolsa era muito baixa, era monitor que também era um valor baixo, e aí alguns professores, dois professores da casa, eles me indicaram uma vaga pra ser professor de edf, numa educação de jovens e adultos no sistema prisional, tinha uma vaga que ninguém queria, então o Capela e o Edgard olharam pra minha cara e falaram “esse ai tem o perfil”. E aí eu fui, mas não consegui porque não era formado ainda, e só no sistema prisional pediam graduação completa, em todo o resto da rede eu poderia ter a partir da 5 fase, no sistema prisional não me permitiram trabalhar. Então comecei a trabalhar, como professor de escola pública na EJA do estado, que se chama SEJA, ali no centro da cidade, então foi assim que comecei como professor, e fiquei nessa de trabalhador temporário, professor temporário da rede estadual, até em 2014 que me efetivei aqui na rede municipal, desde 2014 na escola participante.

**Rafael:** A SEJA foi em 2012/13?

**Professor:** 2011/12 e aí uma parte de 2013 que eu comecei a fazer pedagogia, fiz um ano e meio, e conciliando trabalho e pedagogia, até que passei no concurso no final de 2013, daí eu abandonei a pedagogia.

**Rafael:** Só pra saber se você entrou por concurso ou não, então a primeira escola da rede pública foi a SEJA

**Professor:** Isso, começou na SEJA a partir de 2011, e na escola participante a partir de 2014

**Rafael:** E nesse tempo que você está na rede pública, você participou de outra coisa além de ser professor? Você faz alguma outra coisa na rede pública além de ser professor?

**Professor:** Eu sou o representante da escola no conselho deliberativo do sindicato, tenho um envolvimento com o movimento do sindicato, desde que eu entrei em 2014, sou representante da escola no conselho do sindicato, não da direção do sindicato. É um conselho onde participa um representante de cada unidade da prefeitura, esse assim é um envolvimento bem forte na minha vida profissional

**Rafael:** E você pode explicar o'que vocês fazem dentro do sindicato? Acho que teve a greve, então dá pra ter uma noção do que acontece

**Professor:** Então, nosso sindicato é bem organizado, ele funciona muito bem. Ele tem uma direção eleita, e ele funciona com a estrutura que a principal ordem deliberativa é a assembleia, depois o congresso, que acontece de 3 em 3 anos, e depois a direção, e depois o conselho deliberativo. Esse conselho deliberativo é eleito nos locais de trabalho, onde as pessoas sindicalizadas votam para eleger uma pessoa do local de trabalho para fazer parte, e no conselho deliberativo a gente leva a demanda dos locais de trabalho para direção do sindicato, e pensa também em como a gente vai agir na realidade, como a gente vai se organizar, por exemplo: nesse período a gente greve esse ano, praticamente todos os anos que trabalhei na prefeitura teve greve, é uma constante pois nossas condições de trabalho, como a gente antes da entrevista fez uma volta pela escola, podemos ver que temos vários fatores de risco na escola. Então a gente está sempre em uma disputa, com a prefeitura, por condições de trabalho, por garantia dos direitos trabalhistas que já estão na lei, como por exemplo agora com o piso nacional que a prefeitura não pagava, e outras questões trabalhistas em geral assim. Só uma coisa que eu não falei pra vocês, bastante ilustrativa, hoje a prefeitura de Florianópolis, não tem em estoque, nem na escola, a caneta que a gente usa pro quadro branco, to sem caneta pra escrever na sala, e a resposta da prefeitura é que não tem. Então, isso se repete nos outros ambientes da prefeitura. Eu como participante do conselho deliberativo, estou sempre em contato com o repasse de outras áreas, como por exemplo nos centros de saúde começa a falta soro fisiológico, foi uma reclamação deste ano, SAMU (agora privatizado), faltava trocar o pneu da ambulância do SAMU, assim, coisas assustadoras que nos levam a essa situação de conflito com a prefeitura constantemente, então todos os anos entramos em greve para resolver esse tipo de situação.

**Rafael:** Sempre que eu falo com o Capela, sempre falamos que o estado da escola é precarizado, nunca melhora também, a prefeitura nunca ajuda, então os professores têm que se juntar para ter melhores condições, porque a prefeitura não ajuda mesmo

**Capela:** Só uma observação, sempre falo pra ele (Rafael), que quando era acadêmico nunca pensei que faria parte das minhas atribuições fazer greve, pra poder ter os direitos. E aí a resposta que a gente dá pra essas pessoas é a seguinte: Quer acabar com a greve? Dá condições de trabalho e paga os direitos trabalhistas

**Professor:** Exatamente

**Rafael:** Tá tendo a greve da comcap também

**Professor:** Sim, tanto que o nosso sindicato é unificado, tanto os trabalhadores da prefeitura e comcap que responde a prefeitura, e a gente tinha, de uma forma bem resumida, três partes principais: o piso nacional do magistério, as condições de trabalho na saúde e a falta de condições na comcap, que estava desde novembro em disputa, o acordo coletivo da comcap, e a prefeitura se negava a fechar acordo coletivo, queria tirar 34 pontos do acordo coletivo, ou seja, desmontar a empresa, já estão em processo de terceirização há tempos, e foi bastante curioso a forma que saímos da greve. Foi em uma audiência de conciliação, com 7 desembargadores do tribunal de trabalho e tribunal da justiça, e qual foi a decisão final dos desembargadores: que se mantivesse 100% do acordo coletivo da comcap, portanto a prefeitura teve que recuar nos 34 pontos que queria tirar; estabelecer um grupo de trabalho na saúde pra revisar as condições de trabalho; e que se pagasse o piso salarial do magistério, porque é uma lei que tem que ser cumprida. Uma greve absolutamente legítima, até mesmo para os nossos desembargadores, que a gente sabe que tem origem de classe que não é a classe trabalhadora

**Rafael:** Obrigado por esclarecer essa parte do sindicato, que também é muito importante, para entender toda essa luta que o professor passa. E só mais um detalhe, qual é a sua carga horária, 40 horas?

**Professor:** Isso, 40 horas

**Rafael:** Partindo agora pras perguntas, a gente falou bastante de escola, viu/passeou pela escola, viu a situação de precarização que tem, toda a parte dos alunos que não tem mais recreio, que o capela citou anteriormente que parecia uma fábrica. Então como você compreende esse espaço chamado escola? O que você pensa dele, pra que que ele serve, como você compreende esse espaço chamado escola?

**Professor:** Então, na minha formação inicial em educação física, eu tive um professor, que me apresentou um livro, que me marcou muito sobre a minha visão da escola, porque obviamente refletiu o que eu passei, como experiência própria na minha escolarização, e depois eu fui confirmar dentro dos muros da escola como professor, um livro que se chamava “Cuidado, escola!”, e ele é um livro muito ilustrativo, indo realmente mostrando como a escola muitas vezes ao invés de ser um lugar de construção de conhecimento, um lugar de liberdade, é um lugar de aprisionamento. E não um aprisionamento não só físico, mas de ideias também. Eu vejo a escola como um local em disputa, porém, na sua essência um local de reprodução das condições sociais que a gente vive. Então, eu percebo na minha prática por exemplo, as escolas periféricas como a nossa, tem condições estruturais, físicas, e de materiais da nossa área, muito mais precárias que as escolas que atendem as outras classes sociais. Só pra dar um exemplo a gente tem os jogos escolares de Florianópolis, que



participam todas as escolas do município: públicas e privadas, todo tipo de escola. E aí a gente leva as nossas crianças pra ter essa experiência, e a gente chegou em um jogo de handebol, contra a equipe do colégio catarinense, que atende os filhos da burguesia da cidade, e as crianças lá elas treinavam handebol 4x na semana 3h por dia (risos), faziam os movimentos técnicos perfeitos, tinham todo o conhecimento técnico do jogo de handebol, tinha os melhores materiais e tinham a estatura, mesmo na mesma idade, pelo menos um meio metro maior que as nossas crianças. Isso é um reflexo da condição social das crianças. Então eu vejo a escola como um espaço essencialmente de reprodução de classes da população em geral, das crianças. Porque as escolas públicas, elas atendem as crianças oriundas da classe trabalhadora e elas têm uma educação para que elas desenvolvam trabalho simples, trabalhos com menores complexidades e menor remuneração também. Enquanto as escolas de elite, elas preparam dirigentes, pessoas para assumir funções dentro da sociedade de direção e não de subordinação como esses trabalhos mais simples. E só para finalizar, é uma escola em disputa, então a gente tem um histórico de muitas décadas de organização dos trabalhadores, determinados períodos uma organização mais ascendente, outros períodos com mais derrotas como estamos vivendo. Mas temos uma organização dos trabalhadores no sentido de que essa escola supere, e sirva para superar, a condição de classe dessas crianças. Então a gente busca uma escola pública que forneça para as crianças o conhecimento necessário para que elas atuem para transformar essa sociedade, que é totalmente injusta e desigual.

**Rafael:** Eu estudei em escola particular, não como as do centro que são grandes, mas quando eu vim pra UFSC e tive o primeiro contato com a escola pública, na minha cabeça era uma coisa e quando vi era totalmente diferente. Então esse choque de realidade para as pessoas que estão em escola particular realmente não sabem nada que está acontecendo aqui dentro, portanto é uma experiência dentro da UFSC, dentro das universidades você ter esse encontro com a escola pública, pra saber como que tá sendo, como que é, e até mesmo saber a qualidade do material, da quadra. Isso tudo envolve a parte esportiva que realmente me interessou, porque foi o que trouxe pra mim esse interesse de que como ensina o esporte de verdade, porque uma coisa eu aprendi, e depois vi na escola pública uma coisa diferente. Então, foi uma coisa que me instigou, e estar estudando no PIBID vi que dava pra aprender outras coisas, e aí vem minha pergunta pra ti: Você vê diferença, que deve haver uma diferença, no esporte ensinado na escola e no esporte institucionalizado. Você vê essa diferença, deve ter ou não?

**Professor:** Eu acho que tem uma diferença bem grande na minha visão. O esporte de alto rendimento, ele é inclusive nocivo a nossa saúde, leva nosso corpo ao extremo da performance física, e isso gera um desgaste corporal bastante intenso, que até leva os esportistas se aposentarem praticamente na metade de um tempo de um trabalhador comum, jogador de futebol não passa dos 40 anos, e a gente acabou de passar por uma trabalhadora de 70 aqui na escola. Então, o esporte de alto rendimento eu vejo que ele não cabe na escola, não é algo que deve ser a função da escola preparar para o esporte de alto rendimento, eu vejo que a relação da escola com o esporte, deve ser uma relação ampla do esporte, em que dentro dessa visão está o esporte de alto rendimento. Então, num sentido mais prático assim, quando a gente trabalha com os oitavos e nonos anos, que já tem um conhecimento básico do esporte, estão alguns anos praticando, já tem uma visão de sociedade mais um pouco elaborada, a gente usa o esporte de rendimento, que é o esporte que eles têm mais contato pela mídia, para problematizar inclusive as relações sociais. Isso era mais forte alguns anos

atrás, mas ainda tem um pouco hoje, o sonho de ser jogador de futebol, clássico da geração física brasileira. Diminuiu muito, hoje as crianças querem ser youtubers/tiktokers. Mas ainda tem as crianças que querem ser esportistas, e a gente traz a problematização também que o esporte de rendimento ele reproduz a condição de classes da sociedade de uma forma particular. Mas há uma reprodução em que poucos ganham muito e muito ganham poucos, estudos mostram que a grande massa dos trabalhadores do alto rendimento recebem de 3 a 2 salários mínimos, eles tem uma condição de trabalhador mesmo, e uma pequena elite tem uma condição muito melhor. E além disso a uma hierarquia dos esportes de alto rendimento, que são rentáveis pro marketing, para televisão, esses recebem mais verbas e remuneram melhor os seus atletas. Enquanto os esportes de alto rendimento que não tem um apelo midiático/comercial, eles remuneram muito mal até os atletas de ponta. Então o esporte de alto rendimento, ele não é uma saída pra pobreza, apesar de ele ser um caminho que eu considero que a pessoa possa escolher ser atleta de alto rendimento, acho que é muito válido. Mas na escola acho que tem essa diferença. E aí uma discussão clássica da educação física, o que seria o esporte **na** escola e o esporte **da** escola. Então o esporte da escola é o esporte que nos dê as condições de ampliar o conhecimento das crianças não só no esporte em si mas tudo que envolve o esporte. Então o esporte hoje ele é um objeto, uma mercadoria, dentro do mercado capitalista, ele vai reproduzir portanto as relações do capital. Então a gente trabalha o esporte na escola para que as crianças tenham essa noção, para que no mínimo construam as condições para elaborarem isso nas suas vidas, que é a condição de classe social e que possam inclusive atuar para superação da sua condição de classe.

**Capela:** Só pra falar que eu tô aprendendo, se um dia eu já ensinei hoje eu tô aprendendo. O Rafa, só pra eu te falar, aquele exemplo que eu trouxe de início, eu achei tão legal a fala que ele falou, de culturas que a gente não sabe. Ele é de uma classe média alta, eu acho muito legal ele se sensibilizando tomando consciência. Ele poderia escolher qualquer outra coisa, mas ele está sensibilizado e pode ser um grande intelectual sobre isso. Mas aquele, tu lembra que eu te falei no segundo ano que eu era um gestor esportivo? Um dos objetivos que eu fazia naquele de corrida nos bairros, era que os jovens da cidade iam crescer juntos com os jovens dos bairros, para que eles não se pré-concedessem, mas se conhecessem nas suas diferenças e buscassem se equilibrar. Então só para complementar e depois refletir, essa forma de organizar tanto eventos escolares que reproduzem o modelo do alto rendimento que o professor tá dizendo. E por exemplo, eu tô pensando porque só quem me faz pensar é o professor, agora a universidade só fala a mesma coisa. Mas aí eu estava pensando, tu veja só, você vai fazer uma competição escolar, se tu se confrontar a questão de treinamento, materiais, estatura, e aí claro que vai ter uma supremacia. Mas se a gente como professor de escola trabalhar nessa dimensão do Professor, eu sento em uma mesa de negociação e falo: “Não, tem que ter também que fazer perguntas”. Vamos ver quem sabe mais, o resultado final, jogo de futebol, a sua equipe que é muito superior a minha ganhar, vai contar 50%, mas o resto é na compreensão do todo: “Olha, você sabe quem é o Pelé? Você sabe porque foi destruído o joelho do garrincha? Porque idolatram o Romário mas não idolatram o Sócrates?”. Esse tipo de pergunta que eu faria dentro de uma olimpíada escolar. Só pra gente pensar essas coisas pra ousar, vocês que são jovens tem que ousar. Sair dessas determinações que tem que ser feitas assim, tem que ser feitas assim aqui ó! Eu vou continuar sendo secretário pra acabar meu projeto, isso é desburocratizar as mentes, é por isso que eu não chego nada lá no CDS.

**Professor:** E a gente tem a experiência da organização de festivais, por exemplo chega nas escolas e a gente mistura os times, e um milhão de outras possibilidades que quebrem a relação do esporte de rendimento. O problema é que os jogos escolares são feitos para selecionar atletas mesmo, essa lógica tá dada. A gente precisa conquistar a diretoria de esportes.

**Capela:** por exemplo, nós queremos fazer uma liga, da escola do professor, do Rafael e com a do capela, vamos fazer de outra forma nosso encontro, porque eu sei o que o professor está trabalhando, sei o que o Rafael está trabalhando, sei o que eu to trabalhando, vamos botar isso em avaliação com os acadêmicos. Vai ter árbitro ou não vai ter árbitro? As minhas aulas de edf até um determinado momento a gente nem intervém, depois intervém quando o conflito é muito grande, de forma moderada, buscando equilíbrio nas forças. Então são coisas que a gente pode pensar. Por exemplo, na lógica da cooperação, nós temos a nossa liga, o professor vai nos receber bem aqui na escola, uma vez, a cooperação é diferente da concorrência, ele vai nos receber bem uma vez e vai ser recebido bem duas vezes. Se tiver 5 equipes na liga, nós vamos receber uma vez e ser recebido 4 vezes. E o que é esse receber? É desde de a entrada na porta, mostrar atividades culturais próprias do bairro, e aí a gente pode pensar o que quiser, as expressões culturais e artísticas que são próprias dos jogos, quais são os dilemas, tudo que faz parte da vida do jovem podemos traçar nesse lugar. E o esporte também ajuda a gente a se confraternizar, será que vai ter o love ball, o jogo da 5 traves, cada um vai preparar os jogos. Cada um vai preparar os jogos, ele pode dentro da programação do semestre dele, preparar 3 jogos de jogar futebol com a molecada, então a gente vai experimentando. Quando eu cheguei aqui nessa escola eu sabia um jogo, de jogar futebol, eu saio sabendo 3. Quer dizer que a função da escola é ampliar a base cultural que nos representa no sentido de produzir, isso vai crescendo e acredito que a gente mude através dessas questões. Então só pra dar esse sentido de vida nas teorias que a gente tinha conversado.

**Rafael:** Eu nunca tive essa inter relação entre escolas, mesmo em competições

**Professor:** E esse pra mim é o grande lance dos jogos escolares, conhecer a realidade das outras escolas, isso é muito legal. A gente jogou a final do futsal no instituto, e aquele ginásio maravilhoso. Nossa, só delas jogarem naquele ginásio já é uma experiência muito rica. E elas voltam com um olhar que aquilo lá é uma escola pública, e a escola pública dela aqui também pode ter um ginásio daquela qualidade, com bebedouro, com espaço pra se trocar, com chão que não alaga, com as duas traves.

**Rafael:** A escola tem uma oportunidade muito grande além da quadra também, que a gente sempre fala de ginásio e ginásio, e você até mostrou ali embaixo (anteriormente a entrevista) que você dá aula em outros locais, tem como dá exemplo de como você trabalha nesses locais, até mesmo nesse que só tem grama. O'Que você fazia além de só usar a quadra, mesmo quando não dava ou não queria, o que você fazia?

**Professor:** Desde que eu entrei aqui, a gente tem trabalhado com uma perspectiva ampla do conteúdo da educação física. Então a gente trabalha com ginástica, com as lutas, com esportes, jogos, dança, natureza, aventura, então a gente tem uma variedade bem grande sim nos espaços. Aqui dentro a gente usa mais pro tênis de mesa, para alguma outra atividade que a gente faça que não seja pratica, uma atividade de estudo, de trabalho de pesquisa, sala de informática também. Aqui na sala de jogos a gente tem um projeto de jogos cognitivos, então

a gente trabalha com algumas turmas, que inclusive tem horário fixo, e trabalha uma série de jogos cognitivos. Na parte de gramado a gente usa bastante para atletismo, aquele espaço que tem os tatames usa muito para ginástica e lutas. Mas é importante dizer que os materiais que a gente usa nas lutas eles não foram fornecidos pela prefeitura, eles são oriundos de outros projetos que utilizam do espaço da escola, como por exemplo temos o projeto karate para a comunidade, que dá aula gratuita para comunidade em dois horários aqui na semana. Inclusive agora, uma ex aluna nossa que é atleta de karatê, ta assumindo o horário, e ai o tatame que usamos nas aulas de ginástica são conseguidos pelo projeto comunitário e não pela educação municipal

**Rafael:** E só por uma curiosidade mesmo, aquele espaço do parque foi construído agora pouco, foi durante a pandemia. Mas vocês têm um projeto para levar as crianças para fora da escola, mesmo que seja só passando a rua?

**Professor:** Sim. O parque foi uma conquista da comunidade, somos um bairro bastante populoso aqui, a escola está dentro de um conjunto habitacional que tem algumas centenas de famílias em um espaço bem pequeno sem uma área de lazer. A área que tinha era uma quadra descoberta que em poucos anos já perdeu utilidade, e nosso bairro tem cerca de 20 mil pessoas, e não existia nenhuma praça. E é um bairro tradicional, um bairro antigo da cidade e não existia nenhuma praça, nenhum equipamento de lazer. Então o conselho universitário do bairro veio lutando ao longo de muitos anos para a construção de uma praça no bairro, e ela foi conquistada recentemente, deve ter uns 2 anos. Mas como eu estava afastado e voltei aos mesmos, ainda não utilizamos. Mas nos outros anos, quando não existia a praça, a gente fazia atividade nas trilhas que temos aqui perto, uma perto da escola e uma que a gente chega caminhando uns 20 min no bairro ao lado. Então a gente utiliza dos espaços que a natureza nos dá.

**Rafael:** Porque é um espaço interessante ali, com quadra de skate e tals.

**Professor:** Tô cheio de projetos, solicitei desde o ano passado para comprarem os skates

**Capela:** Observa bem como que ta arquitetonicamente/esteticamente ta essa área aqui, e depois passa pela beira mar norte, e observa como ta esteticamente lá, e o cuidado. E se tu quiser também, tira um dia e vai pra Jurerê internacional, tem um calçadão, daí tu dá uma observada naquilo, e os espaços que são o nicho de lazer daquela gente. Isso é uma atividade da aula de educação física que faz as pessoas discutirem política pública. E daí a gente pode pedir pra eles escreverem, ou leva uma máquina fotográfica e relatem expressões, filma, edita, e senta em uma audiência com o secretário. Deixa a comissão da sétima série explicar como eles gostariam. Isso vai dar um empoderamento, tem que levantar a voz e ir reclamar. A universidade deveria estar atuando demais nesses ambientes assim

**Professor:** O pessoal de estágio teve também uma contribuição importante na luta pela praça, que eles estavam só enrolando a comunidade. Entrou ali o peso dos outros professores, dos estudantes e a coisa andou. E a comunidade organizada, teve protesto e tudo.

**Rafael:** O canguru quando tive estágio aqui, ele explicou a importância da comunidade, como trazer a comunidade pra escola é muito importante pro desenvolvimento. Desde lá já vejo o

notícia de outra forma, os professores sempre trazendo envolvendo a comunidade nas práticas e também agora podendo utilizar o parque aqui do lado.

**Professor:** É só olhar na janela o quanto era necessário esse espaço, o dia todo a criançada ali

**Rafael:** Não vi muito bem como tava a situação ali agora

**Professor:** A pista de skate que foi a primeira a ser feita não é adequada (risos). Os ângulos não foram bem trabalhados. No primeiro dia, vieram alguns skatistas profissionais da cidade, e no primeiro “drop” já falaram que não servia pra prática. E hoje é utilizada a parte de cimento do lado da pista, que tem um “L”, que a gente anda de skate. O half mesmo não é usado.

**Rafael:** O pessoal faz e não liga, só faz de qualquer jeito. Mas agora voltando um pouco pra prática dentro da escola, a parte esportiva. Como você trabalha essa parte da sociedade, do mundo do esporte pras aulas, mas como você trabalha as regras, técnicas e táticas, e até mesmo a própria competição.

**Professor:** Então, eu prezo muito pelo conhecimento técnico dos estudantes, inclusive o conhecimento mais avançado que é o do esporte de alto rendimento. Então, por exemplo, quando eu to ensinando o arremesso de peso pras crianças, é claro que a gente em uma introdução, no 5º e 6º anos, a gente experimenta diversos pesos diferentes, não se importa com tanto com o resultado do arremesso, mas com o processo de conhecer os pesos diferentes, conhecer o próprio corpo e suas possibilidades, formas diferentes de se arremessar. Mas ao longo do desenvolvimento da criança na escola, quando eu volto pro atletismo no 8º e 9º ano, eu considero essencial que ela tenha o conhecimento da técnica mais avançada do esporte, seja qual for. É óbvio que ela não vai conseguir reproduzir a técnica mais avançada, mas ela vai ter a noção e vai experimentar como é. Porque? Porque isso possibilita, ao longo de toda sua vida, praticar o esporte, não necessariamente de alto rendimento, mas o esporte comunitário aqui na praça. Então se eu não ensino, no vôlei por exemplo, o movimento técnico da manchete, elas eventualmente perdem até o interesse pelo vôlei porque elas vão machucar o braço toda hora e não vão nem conseguir desfrutar de um jogo de vôlei por um tempo de vôlei, porque não vai ser agradável pra ela, então a gente traz o gesto técnica mais avançado, traz a problematização da competição, principalmente em relação a esse paralelo de como a gente organiza a nossa sociedade de modo geral e como o esporte está organizado. O esporte na sociedade capitalista é um reflexo das condições sociais mais gerais, então eu busco trazer pros estudantes como está organizado o esporte de alto rendimento. Agora por exemplo, nos últimos anos que trabalhei com eles, falamos muito sobre as questões das premiações, então a gente que a gente trabalhava, a gente buscava as premiações do esporte masculino e feminino. Então se a gente vive em uma sociedade extremamente machista, o esporte reproduz o machismo nas premiações, por exemplo. E mesmo as soluções que eventualmente são encontradas são paliativas, por exemplo no surf foi igualado a premiação das mulheres e dos homens, só que a estrutura do esporte como ela tá montada, é absolutamente dependente dos patrocinadores, que continuam com a lógica de pagar 10x/20x/30x/50x/100x mais para um atleta de alto rendimento masculino do que feminino. Então a gente busca dar esse conhecimento pras crianças, de como está organizado o esporte de alto rendimento e quais são os reflexos disso na vida deles. Então eu tenho um

estudante aqui que o sonho dele é ser atleta de atletismo, e aí acho que faz parte do nosso ofício de professor dar o conhecimento para ele de como funciona o esporte de alto rendimento, não só de remuneração mas como de possibilidades de ele praticar, onde na cidade é praticado o atletismo. Isso pra todos os esportes, então a gente nunca nega o esporte de alto rendimento, mas a gente trabalha na perspectiva que o aluno tenha o conhecimento amplo do esporte de alto rendimento, que ele saiba todos os vieses que estão envolvidos nessa prática. Então a gente busca na nossa prática, quebrar as relações que tem no esporte de alto rendimento. Uma básica aqui, mas que tem escola que não quebra, é a divisão sexual entre meninos e meninas. Então existem escolas que até hoje tem turmas separadas, porque elas veem o ensino do esporte como esporte base pro alto rendimento, e a gente como não tem esse objetivo de ser formador de atletas, quebramos essa relação de separação. Quebramos a relação de ter uma equipe vencedora e perdedora. Uma prática que eu trouxe da universidade e dá muito certo, é dividir em três times, e aí todos os estudantes revezam entre os 3 times, os dois que tão jogando e o que tá de fora, então a pessoa tá de fora entra no time A, a pessoa do time B vai pro C, e assim todas vão revezando entre os times. E aí chega no final do jogo, pergunto o placar e quem ganhou. Então a gente se diverte, tem a tensão da competição, que eu acho que é válida, a tensão da competição ela gera motivação para participar e com isso a gente não elimina essa tensão do esporte, que é necessária pro jogo rolar e ao mesmo tempo a gente nega a sobrepujança do mais forte e do mais habilidoso sobre o restante da turma. Então a gente equilibra, isso é só uma prática, tem várias outras que vamos quebrar essa noção de competição. No atletismo, por exemplo, vamos fazer salto em distância, então a gente mede nosso salto, calcula quanto tempo gastou na corrida, mas tem outras formas que não da competição de aferir esses resultados. Então a gente pode fazer por exemplo o salto em distância cooperativo, então em uma quantidade menor possível de saltos, passar de um lado ao outro da quadra. Então todos os colegas da turma vão se esforçar porque eles tem um objetivo, uma tensão pelo resultado, eles precisam se esforçar, porque precisa ser o menor número de saltos possível. Mas, aquele que saltou menos ele não é menos importante de quem saltou mais, porque todos precisam participar. Isso dilui a competição entre o melhor saltador no objetivo comum de todos que é compartilhado que é saltar determinada distância. Isso vamos fazer em todos os âmbitos e dá uma noção de coletivo pra eles.

**Rafael:** Através da competição às vezes o pessoal fica meio chateado, eufórico, bravo. Você consegue lidar bem com isso, quando eles mostram essas emoções assim?

**Professor:** Sim sim. Mas eu vejo que é muito claro os gestos mais exacerbados assim de violência, de irritação, dos estudante nos jogos e nos esportes tem uma raiz anterior ao jogo. Então pra mim é muito claro que os alunos que agem com mais violência nas competições, são os que mais carregam uma carga psicológica, de problemas familiares, problemas extra escolares. Essa semana mesmo uma menina que já vem com sintomas de depressão desde o ano passado, já fizemos os encaminhamentos necessários aqui na escola. E ela era a única do jogo que estava se irritando profundamente, e aí mesmo com a mediação de toda a turma e minha para superar as situações de conflito que envolviam as regras do jogo, ela não se contentava. Em outros momentos arrumava outra forma de se expressar com os colegas, e aí é uma menina que eu conheço há alguns anos e conheço o problema que ela tem fora da escola e vejo isso refletido na atitude dela.

**Rafael:** E nessas relações sociais que os alunos trazem de casa, as relações econômicas que a gente também sabe que é um bairro com uma renda média baixa. Tu consegue trazer isso pra tua sala de aula, trabalhar esses assuntos?

**Professor:** Sim. Principalmente no oitavo e nono ano. Eu sou pesquisador em política educacional, então eu me interessou muito pela área de políticas públicas, e no oitavo e nono ano eu faço um trabalho de longo prazo através do ano de estudos das políticas públicas de lazer do bairro e dos bairros vizinhos. Por exemplo, nosso público da escola é bem concentrado em alguns lugares do bairro. O bairro tem locais de moradia bem predominantes, vila cachoeira que é a região da escola, uma grande parte do morro do caju, uma grande parte do ponto final que a gente chama e alguns poucos do monte verde. E assim a gente vai problematizando o quanto a política pública interfere na nossa vida, por exemplo: a pessoa que se criou no monte verde, é um bairro planejado, construído na década de 80 como um conjunto habitacional e foi construído estruturas de lazer junto a ele. Então as crianças de lá têm acesso a práticas esportivas e de lazer muito mais diversas do que as crianças que se criaram e nasceram aqui no morro do caju que não tem absolutamente nada. Tem um campinho que a bola quando cai ela se perde no mato, não tem absolutamente nenhuma estrutura, e enquanto crianças elas não podem sair por aí andando para outros bairros sozinha, isso limita a capacidade e possibilidades de desenvolvimento corporal. Então isso a gente vai trabalhando e deixando mais complexo, vai discutindo com eles quais são os agentes responsáveis por cada ambiente. Então, por exemplo, temos vários estudantes que praticam futebol em escolinhas particulares, e na escolinha particular a condição é boa, enquanto o campinho do bairro não tem nenhuma condição. Então quem administra lá? Quem administra aqui? Quem é responsável por essa praça? Quem é responsável pelo conselho comunitário? Vamos chamar o conselho pra conversar? Então a gente vai com isso dando o conhecimento que eles precisam para interferir na realidade social do bairro deles. Eles saem do nono ano sabendo quem é responsável pela praça, quem é responsável pela manutenção, como é feita a manutenção, e isso é uma das essências dos nossos trabalhos, que é dar autonomia para criança possa buscar soluções pro seu problema social, trazendo as condições sociais deles pra dentro da escola, principalmente via política pública de esporte e lazer, mas não só. Discutimos bastante sobre saúde coletiva e outros temas.

**Rafael:** E além de trabalhar essa parte mais do bairro da cidade, também tem eventos esportivos que são grandes, como olimpíadas e copa do mundo. Você trabalha com eles? Porque por exemplo agora no catar tem gente morrendo na construção dos estádios

**Professor:** Sim, a gente trabalha também. Ano passado por exemplo, tive a oportunidade que logo que eu voltei tinha acabado os jogos paraolímpicos, então a gente aproveitou e já emendou essa tematização do esporte paraolímpico. E aqui é ainda mais importante, porque a gente é um polo de estudantes com deficiência.

**Rafael:** Aqui do lado tem a associação de cegos

**Professor:** E além da associação de cegos, somos um polo com estudantes com deficiência. Temos bastante estudantes com diversos tipos de deficiência, e a gente aproveitou o embalo dos jogos paraolímpicos, estava na mídia e tinha uma certa cobertura já atualmente. Fomos problematizando várias questões desde as condições de uma criança com deficiência acessar os jogos, o esporte, até a problematização desses mega eventos, a estrutura que tem esses

mega eventos do dinheiro que é gasto, do direcionamento da verba do esporte nacional, tudo isso a gente vai problematizando pra que eles entendam que, por exemplo: o dinheiro que vai pra um mega evento ele é o mesmo dinheiro que não vai pra manutenção do bairro, então é uma questão de prioridade.

**Capela:** O dinheiro vai pro triathlon, travessias, iron man e pra todo esse sistema. Se tu botar aí numa planilha isso dava pra fazer uma baita de uma política pública. E por exemplo: Uma das provas do ironman aqui custava mais de \$800 só a inscrição e isso é tudo direcionado para uma empresa de São Paulo. Agora fica fácil né, pega acadêmico e dá lanche pra ele, eles ficam fascinados. Acho importante essa experiência, mas é dever da universidade refletir sobre ela. Quanto tá sendo investido e etc. Eu peguei um campeonato aqui de futebol, eles foram lá, um ex aluno meu, disse pra galera do nosso grupo que cada um vai ganhar R\$1500,00, e ele disse: como? Quer que eu te diga quanto tá ganhando a FESPORTE de patrocínio e taxa? Só que junto eles pegaram um questionário como esse, e cada um fez uma pesquisa brilhante. Disseram que ele não ia pagar, e eu falei que ia. Ai faltava 24h e ele veio com essa e eu disse amigo, você tem 24h pra fazer o pagamento, porque senão isso vai pra um outro ambiente de negociação. Mas é assim, entendeu. Quando o professor pega e disponibiliza mão de obra e de forma alienada não dá elementos, todas as crianças que participaram aqui sabem os valores. Isso é uma coisa importantíssima pra gente construir uma figura cidadã.

**Professor:** Foi feito um estudo aí, nessa dos mega eventos, foram vocês que fizeram? Pegaram dinheiro gasto na RIO 2016 e compararam com uma praça esportiva completa, padrão: quadra, pista e etc. E aí dividiram pelo número de cidades do Brasil, mais de 5 mil. Dava pra fazer 3 / 4 quadras completas em todas as cidades do Brasil. E o que foi feito depois com o dinheiro do rio 2016? Foi jogado no ralo, eles foram mantendo por dois anos o ar condicionado ligado de uma estrutura que precisava ficar ligada em baixa temperatura, sem uso. Uns 2 anos sem uso com o ar condicionado ligado para depois desistir de tudo e demonstrar a praça esportiva toda.

**Capela:** E nessa proposta, cada um desses equipamentos teria 4 profissionais, então geraria 80 mil empregos em todo o Brasil, pra gente romper essa lógica centro-periferia. E aí a gente fica discutindo com esse sistema cref/confef, o que que gera emprego, o que que é pensar a nossa profissão enquanto mercado, mercado é isso. E dentro de um projeto nacional, de massificação do esporte. Sabe quanto que é hoje esse orçamento da verba destinada ao esporte? 0,001%. Tu sabes quanto é a verba destinada a pagamento de juros da dívida? 52%, de toda a riqueza que nós produzimos. Tu sabes quanto é gasto em saúde e educação? 2,4%. Você sabe quanto nós historicamente reivindicamos? 10%. Daria pra nós termos 4x mais do que hoje chega nessa escola, 4x mais essas obrinhas estariam feitas. Não é questão de manter, é intencional. Por isso que a luta, o conceito, não é luta de a gente agarrar soco, é a gente dar elementos pras pessoas se auto organizarem e se empoderar a frente desses atores públicos e pessoas que mandam. Tu ouviu o moço lá falando que ele estava lá no norte pelas posições que ele tinha foi escanteado pela direção. Esses atores a gente tem que saber escolher também. É diferente nós sermos atendidos na entrada pelo Capela ou pelo fulano de tal. Então isso tudo é nossa vida, essa luta pra quem é trabalhador nas instâncias de poder. Mas se a gente não ensina isso na escola, as pessoas sempre se encolhem. O esporte é um instrumento de resignação, porque você viu o que o professor falou da lógica do rendimento? Rendimento não é uma palavra ou um conceito, é essa coisa que ele mostrou, 3 times vai revezando e



quem que ganhou? Mas isso não pode existir, claro que pode! Eu lembro quando era menino, era o que eu mais jogava. Ai tu entra na escola pra aprender a competir nessa forma, e isso é desonesto, sabe porquê? Porque é uma atividade humana que começa sempre em uma condição de igualdade. Começou o campeonato catarinense, todo mundo tá na igualdade, fictícia de mentira. Mas ela não acaba o campeonato sem rebaixar um, e os outros vão ensinando pra população a se resignar, ficar bravo dois dias, vai que na próxima temporada da certo. O que o capitalismo mais faz é adiar a promessa, vive de esperança.

**Rafael:** E pra encerrar, com a última pergunta seria: Como você pensa que seria esse papel social do professor, principalmente em uma escola pública no ensino dos esportes?

**Professor:** Então, o fundamento da minha prática pedagógica é o materialismo histórico dialético, então a partir dessa fundamentação a gente entende que a nossa sociedade ela é dividida em classes sociais, e dentro delas tem duas classes fundamentais, trabalhadora e burguesia, que é a classe proprietária dos grandes meios de produção da nossa vida. Não é o dono do mercado da esquina, é o dono da fábrica que produz a mercadoria que produz os produtos do mercado da esquina. E a sociedade capitalista, portanto, é dirigida por meio do estado para atender o interesse da manutenção do poder da classe dominante. E aí a gente atende na escola pública, O estudantes da classe dominante. Toda a política educacional, toda a política pública é feita fundamentalmente para a educação da classe trabalhadora, e na perspectiva do materialismo histórico-dialético a nossa função enquanto professor é dar as condições, ou trabalhar as condições, para a superar a sociedade de classes, que é a eliminação, portanto, da divisão da sociedade entre os que mandam e obedecem. Isso se reflete em tudo que a gente conversou, do dinheiro público, da copa do mundo, do esporte de rendimento. E aí dentro da educação física a gente trabalha com a metodologia crítica superadora. Ela é crítica porque ela busca enxergar a sociedade na sua complexidade, nos seus mais diversos âmbitos, então a gente enxerga o esporte pelo viés da mídia, patrocínios, do conhecimento corporal individual, coletividade, política pública, uma formação crítica do esporte é isso. É superadora porque a gente entende que do jeito que a sociedade está organizada, a gente precisa superar essa condição de classe. Então como a gente trabalha apenas com o público da classe trabalhadora, a gente precisa dar as ferramentas em nível de conhecimento, para que esses estudantes consigam intervir na sua realidade e possam de alguma forma superar a sua condição de classe. Sempre em uma perspectiva coletiva, não é a partir do indivíduo que a gente vai conseguir atuar em um problema social, amplo e mundial. Então é sempre na perspectiva coletiva. Portanto a metodologia crítico superadora busca durante todo o processo de educação das crianças, dar todo os elementos tanto do conhecimento corporal, tanto do conhecimento das relações sociais e do conhecimento da sociedade em geral, para que ela intervenha na realidade a partir das suas particularidades de modo que a gente busque superar a condição de classe. Porque o'que a gente tem na escola pública hoje é a formação do trabalho simples, a destruição do currículo do ensino médio é um caso clássico assim, não há um interesse por parte da classe dominante de que o estudante oriundo da classe trabalhadora acesse o ensino superior, na quantidade que a gente acredita que deveria ser. Até se admite que alguma parcela da classe trabalhadora vá para o ensino superior, porque é o mesmo sistema, para funcionar. No final, não vai vir nenhum burguês dar aulas aqui pras crianças, então a gente precisa formar professores.

**Capela:** Um estudo feito por um colega meu que agora está no Rio de Janeiro, e ele mostrou quem está no magistério, são pessoas que a maioria vem de escolas públicas, que trabalham

e que tem uma condição muito precarizada de estudos. E tem se formado na nossa área, em torno de 70%, nesse momento a partir de um ensino de educação física a distância, e aí é aquela história: Formação acadêmica pobre, para filhos de pobre, para se reproduzir essas coisas. Então quando tem uma pessoa do nosso curso que resolve fazer estudos mais qualificados, a gente aposta nessas pessoas, que é o caso do seu trabalho.

**Professor:** Então o que acontece. O ensino médio foi reorganizado no Brasil para ele ter uma característica finalista, para ter o EM como encerramento do período escolar da criança. Agora saindo um pouco do assunto mas é importante. Aqui em Florianópolis, eu estudei durante o mestrado, o contrato que a prefeitura fez com o BID, é um contrato de 60M de dólares, que influenciou bastante aqui na cidade, e eles fizeram um estudo financeiro do impacto do projeto na cidade para mostrar a viabilidade desse projeto. Ou seja, a prefeitura ia pegar 60M emprestado, ia investir em contrapartida mais 60M de dólares em 5 anos e eles fizeram um estudo financeiro que em 30 anos o projeto se pagaria. E aí olha só como eles fizeram esse estudo, eles pegaram quantas gerações iam se formar nas escolas públicas de Florianópolis, eles levaram em consideração que a criança iria estudar até os 18 anos, ia trabalhar dos 18 anos aos 65 anos, ia contribuir com os impostos e tudo, e isso iria gerar um rendimento pra cidade que ia dar elas por elas. Então o que eles botam nesse estudo implicitamente, que nenhum estudante oriundo da rede estadual vai pra universidade, nem para curso técnico. Maquiaram porque não consideram nenhum nível de desemprego, e a gente tem mais de 10%, e ainda superaram em muito a reforma da previdência que veio depois, que é estudante trabalhando quarenta e poucos anos. Isso nas entrelinhas desse projeto políticos da classe dominante é que a gente vê onde está o projeto escolar deles, não tem acesso a ensino superior, portanto não tem acesso a melhores postos de trabalho e trabalha absurdamente até o final da vida contribuindo. É por aí que a gente vê qual é o trabalho deles de verdade. Então é isso assim, por meio do esporte a gente consegue dar essas pistas pra gurizada pra ter esse entendimento.

**Capela:** E isso é um debate, a proposta do ensino médio, pra tu ter a essência não corresponde com a aparência, por isso que a gente precisa fazer ciência. É o Marx que fala isso, esse nome proibido de falar. E é porque ele ensina a gente a desvelar essas tramas que fazem a gente ser menos. E a segunda coisa é que só pode ser entendido de uma forma global, por exemplo, imediatamente com esse projeto, que vem de fora pra dentro, sempre colonial, ele quer que as nossas gerações sejam analfabetas de compreensão do mundo. Então o EM era 3 mil horas, agora é 1800h, e agora a educação física passa a ter uma aula e se tiver. E estas aulas são dadas a partir de oficinas, para não ter uma pessoa que vá se constituindo e enraizada em uma comunidade como o professor. Então tu vem aqui como tu entrou e sai sem nenhum compromisso com a comunidade. Então isso quebra a estrutura do professor da comunidade, porque hoje com essa precarização com a nossa carreira, eu tenho mostrado em sentido contrário. Que a escola é um polo irradiador da cultura e da transformação social. Então a partir daqui pode irradiar muita coisa, e essas áreas que estão ali tem que estar 24h disponíveis pra comunidade, então tem que ter um professor pra comunidade e para além disso. E a gente vai até o fim pedir que o professor tem que ter 40h de dedicação exclusiva, pra que não seja o professor táxi. Então a gente faz uma luta pelos trabalhadores, pelos filhos dos trabalhadores e pelo bairro e pela nossa profissão. E se a gente não defender isso na universidade, que a gente não vem defendendo, a gente vai ser atropelado. Tu acha que o sistema cref vai defender isso? Claro que não, vai defender isso. Eles estão do lado dos

empresários. E agora aparece o Beach Tênis, como projeto geracional nos próximos 30 anos. Daí tu vai estudar de onde sai 7 bilhões destinados pra ver da educação pra esse projeto, sendo 2,4 pro esporte, professor passa a ser 1. Com esses 2 bilhões dá pra trazer quantos outros professores de forma efetiva, pra trabalhar direto. Posso ter 20h aqui, 10h pra preparar e 10h pra atividades comunitárias, equipa ali com boa sala de musculação, skate, piscina. A gente tem que pedir o melhor, porque não podemos ter piscina aqui? Mas então é esse projeto que a gente vem tentando estruturar.

**Rafael:** Você tem mais alguma coisa a dizer, professor?

**Professor:** Acho que não, podemos encerrar

**Rafael:** Obrigado pela participação professor, encerramos aqui a entrevista portanto.

## ANEXOS

### ANEXO A – DECLARAÇÃO GERÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
DIRETORIA DE GESTÃO ESCOLAR  
GERÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA  
Rua Ferreira Lima, 82 – Centro  
CEP 88014-420 – Florianópolis – SC  
Telefones: (48) 32120922 – (48) 32120923

Florianópolis, 16 de dezembro de 2021.

#### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Gerência de Formação Continuada), tomei conhecimento do projeto de pesquisa: “O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS ESPORTES EM UMA ESCOLA DA REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS - SC”, em desenvolvimento no curso de Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nível de graduação, no período de 2022. O (a) pesquisador (a) Rafael Lemos Carcereri Mano está sob orientação do (a) Prof Dr Paulo Ricardo do Canto Capela. Cumprirei os termos das Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Documento assinado digitalmente  
gov.br  
Fabricia Luiz Souza  
Data: 16/12/2021 15:35:35-0300  
Verifique em <https://verificador.jti.br>

---

Fabricia Luiz Souza - Diretora  
Diretoria de Gestão Escolar  
Matrícula 15829-1

## ANEXO B – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS ESPORTES EM UMA ESCOLA DA REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS - SC

**Pesquisador:** PAULO RICARDO DO CANTO CAPELA

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 54353121.0.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.289.338

#### Apresentação do Projeto:

**Resumo:**

A instituição esportiva, esporte moderno, reflete a sua prática na escola com o ensino formal do esporte por meio de técnicas e regras, visando relacionar, a partir da Educação Física progressista, os valores da prática esportiva com a formação de um cidadão autônomo e crítico que contribuía para a sociedade. Nessa perspectiva diversos estudos discutem a inserção do esporte na escola, procurando métodos que envolvam o aluno como um ser histórico, social e político, através de novas metodologias críticas. No entanto, o professor exerce um papel fundamental para atingir tal propósito, expondo aos alunos uma visão da realidade que é colocada enquanto planeja e ministrada suas aulas, sendo esse o foco dessa investigação. Com isso, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel social do professor de educação física de uma escola da rede municipal pública de Florianópolis/SC frente ao trato pedagógico e à ministração de aulas do conteúdo esportivo na escola. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, tendo como instrumento de coleta dos dados a entrevista semiestruturada a ser proposta a um professor de Educação Física da escola. A população do estudo compreende de um professor de Educação Física atuante em uma escola na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Foram critérios de inclusão no estudo aquele que: a) Ministra aulas para turmas de 6o ano a 9o ano b) Aceitar os termos da pesquisa. Como critérios de exclusão: a) professores afastados b) em

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.289.338

cargo de administração c) que não ministram aulas nas turmas selecionadas. Quanto à escolha da escola deve-se ao fato de ser localizada em um bairro periférico de Florianópolis, ser campos de Estágio Supervisionado para a formação de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC e de fácil acesso do investigador. A princípio a investigação será realizada em turmas de 6o ano a 9o ano. Quanto a análise dos dados será realizada segundo Bardin (2006), com as fases de: a) pré-análise b) exploração do material c) tratamento da coleta de dados.

Hipótese:

O papel do professor de educação física de uma escola pública é relevante para as práticas pedagógicas que envolvem o conteúdo esportivo?

Metodologia de Análise de Dados:

Os dados alcançados através da entrevista semiestruturada foram norteados com as perguntas principais do roteiro. Para a compreensão desses dados será realizado a análise de conteúdo segundo Bardin (2006), com as fases de: pré-análise, exploração do material e tratamento da coleta de dados.

Critério de Inclusão:

Foram critérios de inclusão no estudo aquele que: a) Ministra aulas para turmas de 6o ano a 9o ano b) Aceitar os termos dapesquisa.

Critério de Exclusão:

Como critérios de exclusão: a) professores afastados b) em cargo de administração c) que não ministram aulas nas turmas selecionadas.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender o papel social do professor de educação física de uma escola da redemunicipal pública de Florianópolis/SC frente ao trato pedagógico e à ministração de aulasdo conteúdo esportivo na escolaObjetivo Secundário:Conceituar histórica e culturalmente a diferença do esporte enquanto prática social externa e interna à escola;Identificar elementos importantes do esporte em nossa sociedade na forma que influenciam a educação física escolar;Discutir a proposta de ensino dos esportes de um professor de educação física da rede de ensino pública municipal de Florianópolis;

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.289.338

Entende-se que por se tratar de uma pesquisa que busca obter o relato dos participantes, pode ocorrer algum desconforto em responder alguma das perguntas, visto que trataremos de tópicos sobre suas aulas e condutas enquanto professor. Caso haja algum desconforto que impossibilite a continuidade da entrevista, a mesma poderá ser interrompida temporária ou permanentemente. Os/as participantes também poderão optar por continuar a pesquisa, sem abordar os temas que consideram de difícil acesso

**Benefícios:**

Como benefício direto ao/a participante e sociedade a médio e longo prazo, entende-se que há a possibilidade de refletir sua experiência docente, rememorando suas competências, habilidades e atitudes, além de contribuir para novas práticas pedagógicas no ensino dos esportes em escolas públicas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto referente ao trabalho de conclusão de curso de RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO do orientado por Paulo Ricardo Canto Capela.

Estudo nacional, prospectivo e unicêntrico.

Número de participantes: 1 professor que será submetido à entrevista semi-estruturada.

Previsão de início da coleta de dados: 19/04/2022.

Previsão de fim do estudo: 13/05/2022.

Previsão de gastos: R\$ 42,00, com financiamento próprio

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

**Recomendações:**

Corrigir no TCLE o ano da data abaixo do local de assinatura do participante que consta 2021

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Recomendo a aprovação

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	08/03/2022		Aceito

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.289.338

Básicas do Projeto	ETO_1869173.pdf	18:27:24		Aceito
Cronograma	Projeto_Revisado_Rafael_Mano_4.pdf	08/03/2022 18:25:54	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Numerado.pdf	08/03/2022 18:24:31	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_2.pdf	08/03/2022 18:24:23	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEPSH2.pdf	12/02/2022 17:43:43	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final_Rafael_Mano_revisado_2.pdf	12/02/2022 17:43:06	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Secretaria_Educao.pdf	27/12/2021 09:40:49	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Outros	Carta_resposta_CEPSH.pdf	27/12/2021 09:36:50	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final_Rafael_Mano_Revisado.pdf	27/12/2021 09:35:41	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final_Rafael_Mano.pdf	06/12/2021 14:58:04	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	06/12/2021 14:53:03	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/12/2021 14:44:15	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_escola.pdf	06/12/2021 14:41:22	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada_assinado.pdf	06/12/2021 14:39:14	RAFAEL LEMOS CARCERERI MANO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.289.338

FLORIANOPOLIS, 14 de Março de 2022

---

**Assinado por:**  
**Nelson Canzian da Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br